SRIMAD BHAGAVAD-GITA
(Canto do Senhor)

Traduzido do original (com notas) para o espanhol por Swami Vijoyananda, monge da Ordem Ramakrishna

Edição em espanhol de responsabilidade do
Hogar Espiritual Ramakrishna (Ramakrishna Ashrama)
Buenos Aires - Argentina

Traduzido da versão em espanhol para o português por um estudante dos ensinamentos de
Sri Ramakrishna-Vivekananda-Vedanta

PREFÁCIO

O *Bhagavad-Gita*, ou Canto do Senhor, pertence à grande epopéia *Mahabharata* dos hindus. Este texto sagrado tem dezoito capítulos (25 a 42) do *Bhisma-Parva* desta epopéia. Também o chamam *Gita* ou Canto porque é um diálogo em verso entre Sri Krishna, a Encarnação Divina e Arjuna.

O Gita é um dos mais importantes textos espirituais do mundo. O hindu instruído, culto e de temperamento espiritual lê este texto com profunda reverência e encontra através de seus versos sua pergunta respondida, sua dúvida dissipada, recobrado o seu ânimo e claro e iluminado o seu caminho; e assim prossegue com passos seguros sua marcha ao seu Ideal de vida.

Sri Krishna, o instrutor do *Gita*, é o amigo ideal, o sábio preceptor, o grande yogui, o guerreiro invencível, o conhecedor perfeito, o estadista consumado da época; em sua pessoa todas as belas qualidades humanas estão harmonizadas.

O fato de que este texto muito sagrado tenha como marco o campo de batalha, chama a atenção de muitos leitores, especialmente ocidentais, que sincera, mas desfavoravelmente, criticam a personalidade de Sri Krishna como Encarnação Divina. Dizem: Como é possível que a Encarnação de Deus instigue a seu melhor amigo a levantar seu arco e matar as pessoas? Como Deus, o misericordioso, pode ser a causa direta ou instrumental da matança? Isto necessita certo esclarecimento. Antes de tudo compreendamos uma coisa com toda claridade: Sri Krishna jamais disse à Arjuna que matasse a todos inimigos por algum fim pessoal; Ele o fez recordar seu dever de *kshatriya*, o guerreiro que protege a causa da retidão e justiça. Os adversários de Arjuna eram adictos de seu primo, que havia usurpado o trono de seu irmão mais velho. Esse primo havia tentado matá-los e lhes havia dito que teriam que reconquistar o trono no campo de batalha. Assim que não era o momento de demonstrar sua compaixão a estes injustos e ser morto por eles, dando-lhes a oportunidade de propagar a injustiça e a irreligiosidade.

Muito diferentemente do que professam os crentes ocidentais, especialmente os cristãos, o hindu acha muito razoável a idéia de que Deus se encarne no corpo humano tantas vezes como sinta ser necessário. No *Gita* lemos: "Toda vez que declina a religião e prevalece a irreligião, Me encarno de novo."

Sem nos perdermos nas infrutíferas discussões dogmáticas das diferentes escolas de teologia, nas quais a lógica e o bom senso estão subordinados às opiniões sectárias, vamos ouvir o que diz o hindu em apoio de seu conceito sobre a Encarnação. Diz: Deus impessoal e sem qualidades é um conceito tão sumamente elevado que a maioria dos

seres humanos não podem nem compreendes nem sentir. Só pouquíssimos seres, que se liberaram de todo tipo de desejos e necessidades, que superaram a vida objetiva, que pela absoluta pureza de coração e pela devoção, dedicando seu corpo, mente e alma a Deus, puderam apagar completamente a diferença entre eles e seu Bem-amado Deus e assim gozar da suprema bem-aventurança do estado da beatitude, só eles podem dizer, por sua realização, que Deus é Impessoal; porque neste estado já não existe o conceito de personalidade, nem subjetiva nem objetivamente. Mesmo estes bem-aventurados seres, ao baixar de seu elevado estado de supra-consciência, aceitam que Deus Impessoal é também pessoal como Ser Universal. Ele é tudo, o que existe objetivamente é Sua manifestação; Ele está em todos os seres animados e inanimados. O resto da humanidade, os que vivem a vida de necessidades e sua satisfação, para quem a individualidade é a realidade, necessitam de um exemplo objetivo, um ser humano que com sua vida pura e absolutamente abnegada e por sua realização espiritual se uma definitivamente com o Princípio Divino e viva como a própria figura da misericórdia e declare, com sua autoridade, a existência de Deus. Essa personificação humana da divindade é a *Encarnação*, que vive de época em época "para proteger aos bons, destruir aos maus e restabelecer a Eterna Religião."

Ninguém sabe a data exata da criação deste mundo ou de sua aparição como um processo evolutivo da natureza, a qual nada faz mecanicamente. A natureza é inteligente e todas as suas modificações levam a marca desta inteligência. O hindu diz que a natureza, individual e coletiva, é deus em manifestação; a natureza é parte do Onipresente. Tampouco conhecemos exatamente quando apareceu pela primeira vez o homem sobre esta terra. Todas as datas que propõem os antropólogos e outros homens de ciência são aproximadas, são conjecturas. Hoje é muito arriscado opinar que nossos irmãos de sete ou oito mil anos atrás eram menos avançados que nós em conceitos morais e espirituais. Os *Upanishads*, os textos de *yoga*, o sistema do *samkhya*, demonstram que os seres humanos daquela época, ainda que vivessem com menos artigos de luxo, tinham conceitos espirituais muito elevados. Alguns deles já sabiam que Deus é Universal, que Deus é Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, que Deus é Pessoal e Impessoal; sabiam que o homem, pelo caminho do controle interno e externo pode gozar da Bem-aventurança eterna pela misericórdia divina; sabiam que todo o sofrimento humano é devido a que o homem ignora sua própria natureza divina. De maneira que não podemos dizer que o homem, antes da era cristã, não necessitou nem teve a benção da presença das Encarnações. É ilógico, insensato e dogmático dizer que antes da aparição de Jesus Cristo a raça humana não recebia a graça divina e que com a Encarnação de Deus no corpo de Jesus se abriu, pela primeira vez, a porta da salvação. Salvação é ser consciente da eterna presença de Deus. Além disso, o hindu diz que, como todas as idéias e normas, as da Religião prosperam também, durante certo tempo e depois decaem, as pessoas afastadas de

seu Ideal, se tornam egoístas e mesquinhas, se esquecem de amar à Deus e à seu próximo, vivem a vida puramente sensual, de luta e competição. Quando se generaliza este estado, certos amantes da Divindade rogam fervorosamente pela salvação de seus irmãos ignorantes e a misericórdia se condensa em uma forma humana. Este fato místico, esta manifestação de Puro Amor, ocorreu antes e ocorrerá no futuro.

Em qualquer parte do mundo, para o homem comum, a religião consiste só em cumprir alguns deveres morais. O dever varia segundo o ambiente e posição social da pessoa. Aparentemente o dever do pai é bem diferente do dever do filho. O dever de um rei ou governante de um povo é velar com zelo pelo bem-estar físico, moral e espiritual de cada pessoa do povo. Esta magna tarefa se cumpre com êxito quando o governante leva uma vida abnegada e dedicada. Se seu povo é atacado por inimigos, ele tem que derrotá-los sem considerações e se for necessário, oferecer sua própria vida no campo de batalha. Este é seu dever primordial, esta é sua religião. Por esta ação abnegada, o rei ou governante se purifica de suas limitações e se aproxima de Deus. Através do cumprimento do dever o homem consciente, o homem que não vive uma vida egoísta e puramente sensual, descobre que a felicidade é mais apreciável que o momentâneo prazer, que se goza mais fazendo felizes aos demais, que jamais esteve separado do resto da humanidade, que a felicidade moral é muito mais duradoura que a alegria corpórea e que o homem como Ser é sempre universal. A individualidade é um conceito puramente objetivo. Mesmo o homem comum, de mentalidade limitada, quando pensa em si mesmo, o faz em relação com seus familiares ou parentes imediatos, o que demonstra que, subjetivamente, ele jamais pode limitar-se nesta forma que é vista pelos outros; o homem subjetivamente é sempre o reflexo do Universal, é um aspecto indivisível da Divindade.

As pessoas comuns têm muitas idéias confusas sobre o conceito do dever; estas confusões não se aclaram enquanto o homem leva uma vida objetiva; enquanto a opinião alheia, o anelo de ganhar méritos, de receber o elogio das pessoas, a ostentação, o logro do prazer sensório e o medo, constituírem o motivo ou motivos de suas ações e pensamentos. Este medo, ainda que pareça um paradoxo para muitos, é o principal impulso na vida. Este medo nos persegue de diversas maneiras: medo da opinião pública, medo de perder os bens, a reputação, a posição social, os familiares e o medo da morte. Este medo fabricou a ilusória individualidade, nos tem amarrados a ela e nos obriga a crer que somos criaturas de nascimento, juventude, velhice e morte. Freqüentemente vemos que o homem, confundido e assustado, fala demasiado de valor, compaixão e desapego que ele realmente não sente nem demonstra nos fatos. Algo muito parecido aconteceu à Arjuna no campo de batalha e, justamente por isso, Sri Krishna lhe deu conselhos apropriados sobre o dever, o *yoga*, a renúncia, os diversos caminhos espirituais e a liberação.

O Bhagavad-Gita não é um tratado de teologia, nem um livro de orações devocionais e nem um texto de um sistema filosófico. Este

sagrado texto, de forma sintética, ilumina a consciência humana, aclara os complexos problemas sobre o dever, o propósito da vida, a diferença entre o amor e o apego, a ciência da yoga, a prática da devoção e do difícil caminho do discernimento pelo qual, o homem de renúncia, logra o conhecimento direto do UM sem segundo, a Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta. Lendo este livro, aquele que realmente tenha inquietude espiritual, descobre com assombro e certa alegria que muitas, senão todas, as perguntas de Arjuna, são ou poderiam ser as suas e que certas respostas de Sri Krishna retiram todas suas dúvidas, lhe dão ânimo e convicção, lhe preparam para seguir firmemente o caminho espiritual e fazem eco ao dito final de Arjuna: "Me sinto firme, minhas dúvidas desapareceram. Cumprirei Tua ordem."

Temos que advertir ao nosso leitor, se é um aspirante espiritual, sobre algo muito importante. Será muito difícil compreender o verdadeiro significado deste texto se não possui de antemão os imprescindíveis requisitos da vida espiritual. Antes de tudo, deve ter a capacidade de discernir entre o Real e o irreal; depois deve ter a firme determinação de renunciar à irrealidade; deve possuir as seis virtudes seguintes: controle dos sentidos, controle da mente, fortaleza para suportar as aflições, saber retirar-se dos objetos e conceitos que o perturbam no caminho espiritual, fé inquebrantável na própria capacidade e na existência divina, concentração e por último, o anelo de liberar-se desta irreal existência objetiva, deste conjunto de idéias e formas transitórias. Sem tais requisitos, a leitura deste texto espiritual não servirá muito ao nosso leitor. Talvez lhe ajude algo em sua carreira de erudição, agregando outra flor em sua cesta de ecletismo. O leitor deve saber muito bem que a vida de "parecer" é absolutamente distinta e contrária à vida de "ser" e que unicamente pelo caminho de "ser", da sinceridade e retidão, se compreende a grande importância da vida espiritual. A espiritualidade ou religião transforma totalmente a vida; a leitura dos tratados espirituais não é para satisfazer uma mera curiosidade intelectual, seu propósito é levantar ao homem de seu equivocado e pernicioso estado animal e fazê-lo recordar constantemente sua natureza divina, prepará-lo para viver uma vida de plenitude e ao final conduzi-lo à união completa com Deus, seu verdadeiro Ser.

Os caminhos a este magno e único ideal são vários. Os hindus os chamam de "*yogas*". Os principais *yogas* são quatro: *Karma yoga* ou yoga da ação, *Raja yoga* ou yoga do controle interno e externo, *Bhakti yoga*, ou yoga da devoção e *Jñana yoga* ou yoga do conhecimento do Supremo. Yoga também significa "união", o que nos une com Deus. De maneira que yoga é ao mesmo tempo a base e o grande Ideal de todas as religiões. Os grandes sábios, santos e profetas de todas as religiões foram, são e serão yoguis; em suas vidas notamos a maravilhosa fusão das belas qualidades humanas com a divindade universal. Um verdadeiro yogui transcendeu as limitações individuais, personifica ao Conhecimento e seus sentimentos são universais; através de sua personalidade transparente a Divindade chega a nós diretamente. Por natureza um yogui é equânime,

desapegado, misericordioso, sempre ativo e vive fazendo o bem a todos. Conhecedor do segredo da vida e da morte, unido definitivamente com Deus, sua presença santifica tudo. Só o verdadeiro yogui sabe que a vida e a morte são como borbulhas, flutuando no eterno oceano da imortalidade.

O *Gita* é conhecido também como *Brahma Vidia*, o conhecimento do Supremo e como *Moksha-Shastra*, o tratado sobre a emancipação final. Ainda que o texto comece com a persuasão de Arjuna, para que cumpra com seu dever de liderar a causa da retidão, vemos em seguida que a mensagem de Sri Krishna é a Suprema Verdade. Os problemas tratados neste sagrado texto são essencialmente espirituais e as soluções dadas pelo Senhor nos preparam para a Verdade, só pela qual poderemos liberar-nos de nossa errônea identificação com o mundo relativo e transitório e recuperar nossa esquecida divindade. Sri Krishna responde claramente as perguntas de Arjuna sobre Deus, o ser individual, a vida ou a existência após a morte, a evolução, a matéria, a alma, o dever, etc., etc. Aqui o homem foi tratado como uma entidade integral; suas ações e seus pensamentos não podem ser separados de sua existência. Seu pensamento fugaz ou sua ação trivial não podem ser avaliados se não conhecemos a base de sua existência. Como qualquer ação sua, seu pensamento, expressado ou não, produz o efeito correspondente e se é egoísta o ata ainda mais a esta roda de nascimento, sofrimento e morte; o contrário o conduz à liberação. O propósito dos ensinamentos de Sri Krishna é eliminar as dúvidas e idéias ilusórias que oprimem ao homem em sua vida diária. Estas dúvidas, estas ilusões, irão só pela realização da Verdade; então o homem sentindo intimamente a presença de Deus em seu coração afrontará todos os problemas relacionados ao dever.

O *Gita* declara que Deus é universal, que o universo é Sua manifestação. Disse Sri Krishna: "Suas mãos e pernas estão em toda parte; Seus olhos, cabeças e rostos estão em toda parte; Seus ouvidos estão em todos os pontos; Sua existência interpenetra e cobre tudo o que existe". Ao mesmo tempo, para o necessitado que pede socorro, Deus é a misericórdia, a meta e o suporte; Ele é o Senhor e a eterna Testemunha de Sua própria manifestação; Ele é a morada de todos, o refúgio acolhedor e o Amigo. Disse Sri Krishna: "Sou a origem e o fim". Deus é a força impessoal por trás do universo; Ele é a luz das luzes; é Sua a luz que está no sol, na lua e no fogo; é Ele o que ilumina o universo. Ele está no coração do homem como conhecedor e como o conhecimento; só à Ele conhece o homem em diversas formas e idéias. Ele suporta ao macrocosmo e ao microcosmo. Mas Sua verdadeira natureza é transcendental e está além da compreensão humana; só uma fração Sua está manifestada como o universo. Esta Suprema Consciência, esta existência transcendental, por Sua própria vontade aparece diante do homem e lhe diz: "Ó Kounteya, declara ao mundo que Meu devoto jamais perece". Ele diz ao Seu devoto: "Aceito tudo o que Me ofereces com devoção, seja uma folha, uma flor, uma fruta ou ainda uma gota de água". É a pura devoção que leva ao homem primeiro à Deus Pessoal e

em seguida, purificando-o de toda limitação individual, o une com Deus Impessoal e o libera definitivamente da ignorância, do medo e da morte.

Existem intelectuais que opinam que religião atua como ópio, que adormece ao homem e o faz esquecer a realidade da vida. À eles aconselhamos a cuidadosa leitura do *Bhagavad-Gita* sem idéias pré-concebidas. Aqui o instruído encontrará que o Senhor recomenda ao aspirante espiritual a aço abnegada, contínua e incessantemente; esta ação é a que purifica o coração de um homem e ao mesmo tempo o salva de mais apegos. Somente as ações abnegadas produzem resultados bons e duradouros. A advertência de Sri Krishna para aqueles que confundem a vida espiritual com a inércia é: "Teu motivo para trabalhar não deve ser a ansiedade de obter o fruto da ação, nem dever aderir-te à inação". A vida religiosa separada da vida diária é uma coisa estéril, algo sem sentido, talvez um adorno vistoso, uma ação sobreposta, um gesto de ostentação. Se o significado de 'ser religioso' é pertencer nominalmente a uma instituição religiosa, sem fazer o esforço de sentir a viva presença de Deus no coração, então toda sua ida aos templos foi em vão, toda sua leitura das escrituras sagradas foi inútil e sua vida de "parecer" teve muitas complicações. Freqüentemente estes religiosos, em seu afã de apresentar sua doutrina particular, se tornam fanáticos e inconscientemente causam a ruína e fazem sofrer aos demais. Apesar de tanta prédica religiosa, a maioria dos religiosos, vivendo uma vida afastada de Deus, não sentem a fraternidade humana porque não compreendem nem aceitam que Deus Pessoal ou Impessoal é sempre Universal e que todos os seres humanos são Sua manifestação.

A inércia, a indolência e a inadvertência são os três inimigos mais poderosos do ser humano. São mais daninhos que a maioria dos atos pecaminosos. Sri Krishna queria salvar à Arjuna de seu desejo encoberto de escapar de seus deveres, com o pretexto de levar a vida pacifica de um ermitão. Como todos os homens estão convencidos da limitada idéia de individualidade, também o grande Arjuna pensava que não lutando poderia transformar imediatamente seu caráter de guerreiro e apagar de sua mente todas as impressões passadas. Com paciência Sri Krishna convenceu à Arjuna de que cumprindo desapegadamente com seu dever imediato de destruir aos inimigos que representavam a injustiça, entenderia melhor o ideal humano e para isso era melhor enfrentar a crua e desapiedada realidade. Ensinando à Arjuna o poder das ações passadas, Sri Krishna lhe diz: "Ó Kounteya, alucinado, o que não queres fazer agora, depois o farás mesmo assim, pois estás atado ao teu *karma* (impulso da vida passada), nascido de tua natureza". Atuar ou cumprir desapegadamente o dever de cada um, segundo o ambiente em que nasceu, não é contraproducente na vida espiritual. Se o instrutor espiritual, cumprindo desapegadamente seu dever de ensinar se emancipa, o açougueiro que serve ao povo matando animais, cumprindo com seu dever sem apego, logrará idêntica emancipação. O verdadeiro inimigo da vida espiritual é a ignorância que nos fez esquecer que somos seres sempre livres e nos fez acreditar que somos limitados e mortais.

Essa ignorância é a mãe do apego, do medo, da ilusão, da debilidade, da dependência e de todos os tipos de limitações.
O dilema principal de Arjuna se apresentou com respeito ao dever. Quando no campo de batalha viu com seus próprios olhos, que entre os inimigos estavam seus parentes e amigos, até seu próprio instrutor, lhe surgiram as seguintes idéias: É necessário e benéfico cumprir com os deveres mundanos, quando produzem pesar e sofrimento à si mesmo e aos demais? Não seria melhor abandonar estes deveres e seguir o caminho da renúncia? Um momento antes, decidido, Arjuna havia ido disposto a lutar; um momento antes ele sabia muito bem quem eram seus adversários que, segundo ele, eram representantes da injustiça e colaboradores de seu primo havia usurpado o trono de seu irmão mais velho. Mas quando os viu frente a frente, Arjuna esqueceu seu dever, seu coração se encheu de medo e falsa compaixão e muito deprimido começou a falar com muita emoção, sentimento e raciocínio adequado. Através de suas palavras, aparentemente sábias, mas realmente egoístas, demonstrando seu grande apego, confusão e ilusão, Arjuna queria convencer Sri Krishna de que ele preferia a morte a matar aos seus inimigos. Mas o onisciente Sri Krishna viu a momentânea debilidade de Arjuna e por isso, quando este se sentou no carro de guerra e soluçando disse: "Ó Govinda, não vou lutar", Sri Krishna lhe respondeu com firmeza: "De onde vem esta tua indigna debilidade, não-ariana, baixa e contrária ao logro da vida celestial? Você está lamentando-se pelos que não o merecem, no entanto falas como um sábio. Os verdadeiros sábios não se lamentam nem pelos vivos nem pelos mortos."

Sri Krishna não predicou à Arjuna o ideal dos estóicos, cumprir o dever só pelo dever; porém predicou que o cumprimento do dever tem um só propósito: purificar o coração para desfrutar da infinita bem-aventurança da Presença Divina. Deus *é* imanente no universo, como a alma de todos os seres e objetos. Cumprir o dever equivale à adoração de Deus. Ao que considera o dever desta forma, pouco lhe molestam as idéias de êxito ou fracasso, ele desfruta como um instrumento vivente nas mãos de Deus e não sofre nem se desespera pensando de antemão em sua própria morte e na dos demais; seu conhecimento por estar em contato com Deus é uma ditosa percepção permanente.

Ainda que o *Gita* seja um compendio de todos os *yogas*, no entanto Sri Krishna recomenda como disciplina espiritual o *Karma yoga*, o caminho da ação. Para o aspirante espiritual a ação deve ser abnegada, desapegada e sem esperar os frutos. Este tipo de ação destrói radicalmente todas as limitações do Ser. Viver significa atuar, pensar é atuar; pela ação o homem expressa a si mesmo. Sri Krishna disse: "Ó Partha, Eu não tenho nenhum dever que cumprir, não há nada nos três mundos que não haja logrado ou que Me falte lograr, no entanto, atuo constantemente". Talvez seja possível para o egoísta retirar-se da ação, cobiçando o estado de inércia, mas para aquele que ama a humanidade não há descanso possível e por isso vemos que as Encarnações jamais deixam de atuar. Como não têm nenhum motivo pessoal, a ação para as

Encarnações é dar curso à misericórdia que às vezes nos alenta e outras vezes nos corrige com severidade. Em troca o homem comum tem diferentes motivos. Segundo o motivo progride ou retrocede; quando trabalha para sua auto-satisfação, robustece seu egoísmo e inconscientemente retrocede, de modo gradual, à animalidade. Em troca, quando atua de forma abnegada, como instrumento de Deus, sabendo muito bem que o único ator é Deus, então todo sua ação é para agradar à Deus, seu Bem-amado. Toda ação ou pensamento egoísta forja um novo elo na grande corrente com que estamos atados à dolorosa existência deste mundo de nascimento e morte e todo ação ou pensamento dedicado a Deus, como uma ininterrupta adoração, rompe esta corrente, nos conduz à emancipação final, à ditosa união com Deus. O *Karma yogui* conhece o segredo da ação, é equânime, desapegado, não espera, nem aceita, nem rechaça o fruto da ação. Sri Krishna ensinou à Arjuna que qualquer ação pode ser feita como *yoga*, mesmo a ação de matar que objetivamente parece cruel, violenta e desapiedada, sempre que se faça como uma prática de yoga, sentindo-se como um instrumento de Deus, sem temor, sem esperar a vitória para si mesmo ou para uma comunidade particular e atuando só para estabelecer a Verdade, a retidão; estão, esta ação, em lugar de produzir demérito, purifica ao homem e o conduz à emancipação.

Este mundo transitório de aparência, nome e forma está constituído de pares de opostos: bem e mal, prazer e dor, virtude e vício, calor e frio, vida e morte. Como a frente e o verso de uma mesma medalha, cada parte depende de sua contraparte. Nosso conhecimento ou percepção de qualquer idéia ou objeto deste mundo é indireto e comparativo; conhecemos ao homem comparando-o aos outros seres, sentimos o frio comparando-o com o calor. Não há dúvida de que o mundo é imperfeito. O muito desejado mundo perfeito é ilógico porque chegando à perfeição, o mundo se diluirá em sua origem: Deus. Tudo que é objetivo é imperfeito, só Deus, o Eterno Sujeito, é perfeito. Progresso significa a transformação do objeto no sujeito. Deus, o eterno imã, está nos atraindo continuamente, nosso dever é purificar-nos. O sábio hindu diz que nossa origem é Deus e que existimos em Deus. Deus, em seu estado manifestado, não perde Sua Divindade.

No *Bhagavad-Gita*, Sri Krishna reforça a idéia do *swa dharma*, o *dharma* de cada um. A palavra *dharma* é difícil de traduzir. A religião, a retidão e o dever, nos dão certa idéia aproximada de seu significado. Dharma é o que suporta ao homem na vida e ao mesmo tempo o ajuda a realizar sua verdadeira natureza: a Divindade. O grande erro do homem é continuar considerando-se como um objeto composto de aspectos ou entes biológicos, fisiológicos e psicológicos. Para corrigir este grande erro, o homem necessita praticar o *swa dharma.* As tendências atuais de cada homem são o resultado de seus próprios pensamentos e ações em vidas passadas. Cada pensamento ou ação produz uma impressão que forma parte da natureza subconsciente do homem. Este estado subconsciente não se destrói com a morte física, este estado é o "eu" do homem. A

atual encarnação do homem foi causada pelo impulso dessas impressões; são elas que determinam seu caráter, seu dever, sua idéia de religião, seu critério de bom e de mal, do correto e do injusto. Nenhum homem nasce com a mente absolutamente pura, mesmo o nascimento das encarnações demonstra que Elas, voluntariamente aceitam certa impureza. A diferença entre a individualidade da Encarnação e a de qualquer homem é que a Encarnação é sempre consciente de Seu estado universal e de Seu voluntário e momentâneo estado individual. Em troca, o homem comum é inconsciente de ambos estados. Terminada a missão com que vem ao mundo, a encarnação deixa Sua individualidade. Ao homem comum, ao princípio, custa muito desfazer-se de sua individualidade, mas logo o faz pela misericórdia Divina, que age como o grande destruidor da ignorância. A educação ou o impacto do ambiente ajuda ao homem a desenvolver as qualidades que ele mesmo fabricou e com as quais veio ao mundo. Seus pais são causas instrumentais, que lhe proporcionam o meio físico para dar curso ao seu *dharma*. Eles são como os ceramistas e a roda que dá forma ao vaso. Assim que o *dharma* de cada ser humano é a base de seu pensamento e ação; ele não pode desfazê-lo. Ir contra este *dharma* é criar confusão. Arjuna ficou confundido quando quis deixar o *swa dharma* do *kshatriya*, cujo dever é proteger aos corretos e destruir aos injustos. Sua confusão surgiu, quando esquecendo seu *dharma*, quis levar vida de ermitão. Tampouco devemos esquecer o outro aspecto do *dharma*, o que nos ajuda a realizar nossa Divindade, senão *dharma* significaria desapiedada fatalidade.

A lição de Sri Krishna é que ninguém deve agir contra o *swa dharma*, o dever do ambiente em que nasceu. Cumprindo abnegadamente com o dever, o homem gasta o impulso com que nasceu e dedicando toda sua ação a Deus, não cria novos impulsos. Então compreende que o supremo dever é adorar a Deus. Diz Sri Krishna: "Renunciando a todos os deveres, refugie-se em Mim unicamente. Não te aflijas, Eu o salvarei de todos os pecados."

Swami Vijoyananda

Ramakrishna Ashrama
Gaspar Campos 1149
Bella Vista
Buenos Aires
República Argentina

Capítulo I

O PESAR DE ARJUNA

1 – Disse Dhritarashtra:
Diga-me Sanjaya, que fizeram meus filhos e os de Pandu reunidos, no sagrado campo de Kurukshetra, com o desejo de lutar?

2 – Disse Sanjaya:
Vendo ao exército bem formado dos filhos de Pandu, o rei Duryodhana se aproximou do mestre (Drona, instrutor de guerra) e disse o seguinte:

3-6 – Contemple, mestre, ao grande exército dos Pandavas (filhos de Pandu), bem formado por teu talentoso discípulo, o filho de Drupada. Aqui estão os heróicos e grandes arqueiros Yuyudhana, Virata e o valente guerreiro Drupada, todos eles iguais a Bhima e Arjuna na guerra. Também estão Dhristaketu, Chekitana, o valoroso rei de Kashi, Purujit, Kuntiboja e o verdadeiro príncipe entre os homens, o rei de Shibi, o forte Yudhamanyu, o valente Uttamouja e os grandes guerreiros filhos de Subhadra e Droupadi.

7-9 – Ó Tu, o melhor dos nascidos duas vezes (Brahmins), para informar-te vou mencionar os nomes dos distintos condutores de meu exército. Tu, Bhisma, Karna, Kripa, todos vitoriosos na guerra. Também estão Ashvat-thama, Vikarna, o filho de Somadatta e muitos outros heróis que manejam com habilidade distintas armas, todos dispostos a sacrificar suas vidas por minha causa.

10 – Este exército deles, sob o comando de Bhima, é suficiente para a vitória, em troca aquele, o nosso, capitaneado por Bhisma, não o é.

11 – Assim que vós, segundo vossa posição no exército, deveis proteger só a Bhisma.

12 – Alegrando o coração de Duryodhana, Bhisma, o tio-avô deles, o mais velho e mais forte dos Kurús, rugiu como um leão e soprou com força sua concha (que os indo-arianos utilizam como um clarim).

13 – Então, simultaneamente por todos os lados soaram as conchas, tambores, timbales e chifres, produzindo um ruído aterrador.

14-18 – Então, sentados no grande carro da guerra, ao qual estavam atados cavalos brancos, Madhava (Sri Krishna) soprou a panchajania (concha celestial), Dhananjaya (Arjuna) a devadatta; Vrikodara (Bhima), de ações terríveis, soprou a grande concha poundra, o rei Yudhistira

soprou a anantavijaia, Nakula e Sahadeva as sughosa e manispuspaka. Ó dono do mundo, o hábil arqueiro, o rei de Kashi, o grande guerreiro Shikandi, Dhristadyumma, Virata, o invencível Satyaki, Drupada, os filhos de Droupadi e o valente filho de Subhadra, todos tocaram suas respectivas conchas.

19 – Aquele ruído aterrador ressoou no céu e na terra e partiu os corações de teus filhos, ó Rei!

20-23 – Então, ó Rei, Arjuna, o filho de Pandu, cujo carro leva a figura do macaco, quando viu aos Dharta-rashtras (a teus filhos) formados em posição de batalha, com as diferentes armas prontas para serem usadas, levantou seu arco e disse o seguinte a Hrishikesha: 'Achyuta (Sri Krishna), coloque meu carro entre os dois exércitos para que eu veja aos que vieram preparados para lutar e contemple antes que comece a guerra a quem devo combater. Quero ver aos que vieram para lutar ao lado de Duryodhana, o filho de Dhritarastra, para causar-lhe prazer'.

24-25 – Disse Sanjaya:
Ó descendente de Bhárata, a esse pedido de Arjuna, Sri Krishna colocou o excelente carro entre os dois exércitos, em frente à Bhisma, Drona e outros reis e disse: 'Olha, Partha (Arjuna) aos Kurus reunidos'.

26 – Então Arjuna viu aos seus tios, tios-avós, instrutores, tios maternos, sobrinhos, sobrinhos-netos, sogros, amigos e camaradas.

27 – Vendo aos parentes e amigos reunidos ali, Arjuna sentiu grande compaixão e muito entristecido, disse o seguinte:

28-30 – Disse Arjuna:
Ó Krishna, vendo a estes parentes desejosos de lutar, me falham os membros do corpo, minha boca está seca, estou tremendo, com o corpo estremecido, minha pele arde, não posso sustentar ao gandiva (seu arco). Não consigo ficar de pé, minha mente está em um turbilhão. Ó Keshava (Sri Krishna), vejo sinais de mau-agouro.

31-34 – Não vejo que bem posso lograr matando aos meus parentes na guerra. Ó Krishna, eu não desejo a vitória nem a soberania nem os prazeres. Ó Govinda (Krishna), de que nos servirão a soberania, os prazeres, mesmo a própria vida, quando meus instrutores, tios, filhos, tios-avós, tios maternos, sogros, netos, cunhados e demais parentes, para quem desejamos essas felicidades, estão reunidos aqui para lutar, tendo renunciado a seus bens e mesmo a suas vidas?

35 – Ó Madhusudana (Krishna), ainda que eles me matem, eu não quero matá-los, nem para reinar neste mundo, nem para a soberania dos três mundos.

36-37 – Ó Janardana (Krishna), que prazer teríamos matando aos Dharta-rashtras? Seria um ato pecaminoso matar a estes agressores. Por isso, não devemos destruir aos nossos parentes, os Dharta-rashtras. Ó Madhava (Krishna), como poderíamos ser felizes matando a nossos próprios parentes?

38-39 – Ainda que eles, com a mente dominada pela cobiça, não vêem nenhum mal em destruir aos parentes, nem pecado em serem hostis aos amigos, por que, Ó Janardana, nós que vemos ao grande mal que nasce da destruição dos parentes, não desistimos de cometer este pecado?

40-42 – Ao destruir-se a família morrem seus cultos de tempos imemoriais e assim, perdendo a espiritualidade, a família inteira se torna ímpia. Ao prevalecer a imoralidade, as mulheres se corrompem e disto, Ó Varshneya (Krishna), nascem os mestiços, o que é um verdadeiro inferno para uma família, que logo se destrói. Os antepassados caem de sua morada celestial, porque não recebem as oferendas de água e tortas de arroz.

43 – Por estas más ações dos destruidores da família que criam os mestiços, se destroem os cultos religiosos e da casta.

44 – Temos ouvido, Ó Janardana, que aqueles cujos cultos religiosos da família são destruídos, levam uma vida permanentemente infernal.

45 – Ai! Estamos envolvidos em grande pecado. Cobiçando o prazer de reinar, nos preparamos para aniquilar aos nossos parentes.

46 – Seria melhor que me matem os bem armados filhos de Dhartarashtra, quando não esteja armado nem lhes resista na guerra.

47 - Disse Sanjaya:
Dizendo isto, Arjuna jogou fora seu arco e flechas e com o coração muito dolorido, permaneceu sentado em seu carro.

Capítulo II

O CAMINHO DO DISCERNIMENTO

1 - Disse Sanjaya:
A ele, que estava assim abatido pelo pesar e compaixão, com os olhos cheios de lágrimas e com a mente confusa, Madhusudana (Krishna) disse o seguinte:

2 – Disse o BENDITO SENHOR:
Neste momento crítico, ó Arjuna, de onde vem esta tua indigna debilidade, não ariana, baixa e contrária ao logro da vida celestial?

3 – Não te portes como um eunuco (carente de masculinidade), ó Partha, isto é indigno de ti, afasta esta debilidade de coração e ergue-te, ó destruidor dos inimigos!

4 – Disse Arjuna:
Mas, ó Madhusudana, ó destruidor dos inimigos, como queres que combata com flechas a Bhisma e Drona, merecedores de toda a veneração?

5 – Sem dúvida seria melhor para mim viver mendigando, do que matar a estes nobres senhores. Mas se chegar a matar-lhes, então todos os nossos bens e prazeres neste mundo estariam manchados com seu sangue.

6 – Não sabemos o que seria melhor, vencer ou ser vencidos. Estes filhos de Dhritarashtra, a cuja destruição não queremos sobreviver, aí estão diante de nós.

7 – Minha própria natureza está esmagada pela compaixão; a mente está perplexa com respeito ao dever. Diga-me, te suplico, o que seria definitivamente bom para mim; tomei refúgio em Ti, sou teu discípulo, instrua-me.

8 – Ainda que eu fosse um rei próspero neste mundo, sem rivais e dominasse os seres celestiais, não vejo realmente o que poderia quitar este pesar que está consumindo meus sentidos.

9 – Disse Sanjaya:
Falando desta maneira a Hrishikesha, Gudakesha (o que domina o sono: Arjuna), o vencedor dos inimigos, disse de novo: "Ó Govinda, não vou lutar" e ficou em silêncio.

10 – Ó Bhárata, então Hrishikesha, sorrindo, disse o seguinte ao que se lamentava entre ambos os exércitos.

11 – Disse o BENDITO SENHOR:
Estás te lamentando pelos que não o merecem e, no entanto, falas como um sábio. Os verdadeiros sábios não se lamentam nem pelos vivos nem pelos mortos.

12 – Nunca houve um tempo em que Eu não existisse, nem tu, nem esses reis, nem deixaremos de existir no futuro.

13 – Assim como o ser encarnado tem sua infância, juventude e velhice, assim também ele toma outro corpo. Os sábios jamais se confundem sobre este ponto.

14 – Ó Kounteya (Arjuna), as noções de calor e frio, de prazer e dor, nascem do contato dos sentidos com os objetos; tem origem e fim e são transitórias. Suportá-las, Ó Bhárata!

15 – Ó tu, o melhor dos homens, só aquele que não se aflige por estas modificações e é equânime no prazer e na dor, logra a imortalidade.

16 – O irreal jamais existe, o real nunca é inexistente. Os sábios conhecem esta verdade.

17 – Saiba que é imortal Aquele que interpenetra tudo isto (o universo). Ninguém pode destruir este princípio imutável.

18 – Estes corpos, em que mora o eterno, imortal e incomensurável Ser, têm fim, portanto luta, ó Bhárata!

19 – Aquele que pensa que este Ser mata e aquele que pensa que este Ser morre, os dois são ignorantes; o Ser não mata nem morre.

20 – O Ser não nasce, nem morre, nem se reencarna, não tem origem, é eterno, imutável, o primeiro de todos e não morre quando matam o corpo.

21 – Aquele que sabe que o Ser é imortal, eterno, sem nascimento e imutável, como pode matar ou ser morto?

22 – Como alguém deixa suas vestes gastas e coloca outras novas, assim o Ser corpóreo, deixa seu corpo gasto e entra em outros novos.

23 – As armas não o cortam, o fogo não o queima, a água não o molha e o vento não o seca.

24 – A este Ser não se pode cortar, nem queimar, nem molhar, nem secar, é eterno, onipresente, estável, imóvel e primordial.

25 – Se diz que este Ser é não-manifestável, impensável e imutável; sabendo que é assim, não deves lamentar-te.

26-27 – Mas, ó tu de braços poderosos, se pensas que este Ser sempre nasce e morre, ainda assim não deves afligir-te por ele, porque o que nasce, morre e o que morre, renasce com certeza. Portanto não deves sofrer pelo inevitável.

28 – Ó Bhárata! Os seres ao princípio não são manifestados; no meio, se manifestam e por último, permanecem não-manifestados. Então por que te afliges por eles?

29 – Ao Ser, alguém o considera como algo maravilhoso, outro fala dele maravilhado; um terceiro ouve dele com maravilha, e há quem mesmo ouvindo sobre ele, o desconhece.

30 – Ó Bhárata! Este Ser que mora em todos os corpos é sempre indestrutível, portanto não deves lamentar-te por nenhuma criatura.

31 – Considerando teu dever, tampouco deverias vacilar, porque para um kshatriya (da casta guerreira) não há melhor sorte que lutar por uma causa justa.

32 – Ó Partha! (Arjuna), são realmente afortunados aqueles kshatriyas, a quem se apresenta a grande oportunidade de lutar em uma guerra semelhante, que lhes abre as portas do céu.

33 – Mas, se tu não lutares nesta guerra justa, não farás jus a tua reputação, faltarás a teu dever e cometerás um pecado.

34 – Além disso, as pessoas falarão de tua eterna desgraça, o que para um fidalgo é pior que a morte.

35-36 – Estes grandes guerreiros que estão em seus carros, considerarão que tu, por medo, te retiraste da batalha; eles te estimam muito e agora cairás em desgraça. Teus inimigos falarão de ti em termos pouco lisonjeiros. Há algo mais lamentável que isto?

37 – Se morres na batalha ganharás o céu; se consegues a vitória, desfrutarás da terra. Assim que, levanta-te, decidido a lutar.

38 – Considerando igual ao prazer e a dor, a vitória e a derrota, prepara-te para lutar e assim não pecarás.

39 – Já te ensinei a atitude necessária com relação ao conhecimento do Ser; agora ouve sobre a atitude com relação ao caminho da ação, dotado da qual, ó Partha, te libertarás das amarras.

40 – Neste (caminho da ação) não se perde nenhum esforço por mais incompleto que seja, nem se produzem resultados contraditórios. Mesmo um pouco desta disciplina salva a uma pessoa de grande risco.

41 – Neste caminho, ó Kourava (descendente de Kurú), existe uma só determinação que se dirige ao objetivo único. Os propósitos dos indecisos são inumeráveis e de formas diversas.

42-44 – Ó Partha, os néscios, cujas mentes estão cheias de desejos, que consideram a vida celestial como sua meta mais elevada, que estão enamorados pelos panegíricos védicos, que consideram como algo muito superior, estes ignorantes falam em conhecidos termos floridos com relação a diversos tipos de cultos védicos que originam os nascimentos, ações e seus resultados, como meios para o prazer e o poder. Aqueles que estão atados a eles e se deixam levar por estas frases floridas, jamais logram a determinação única, que conduz o homem ao *samadhi* (absorção espiritual).

45 – Os Vedas tratam os temas relacionados aos três *gunas* (aspectos ou qualidades). São a pureza, a ação e a inércia (componentes da natureza psicofísica). Mantendo-te equilibrado, ó Arjuna, libera-te da trindade dos gunas, dos pares de opostos (frio e calor, prazer e dor, etc.), de adquirir e conservar e estabelece-te no *Atman* (Ser).

46 – Como o propósito de regar por várias fontes torna-se sem efeito quando chega a inundação, assim se alcança o propósito de estudar os Vedas pela realização íntima do Ser.

47 – Só tens direito ao trabalho, não aos seus frutos. Que estes frutos jamais sejam o motivo de seus atos, nem fiques preso na inação.

48 – Ó Dhananjaia, estabelece-te neste yoga, renuncia ao apego, seja indiferente ao êxito e ao fracasso e assim faz tudo. Esta equanimidade é a yoga.

49 - Ó Dhananjaia, qualquer trabalho que se faz motivado pelo desejo é muito inferior ao que se faz com a mente não perturbada pelos resultados esperados. Refugia-te nesta tranqüilidade. Infelizes são os que trabalham ansiando os resultados.

50 – Quando se tem esta tranqüilidade mental se libera, mesmo nesta mesma vida, do bem e do mal. Assim que, dedica-te a prática de este yoga. Karma Yoga significa a habilidade na ação.

51 – O sábio que possui esta tranqüilidade e se afasta dos frutos de suas ações, se libera das amarras do nascimento, crescimento, etc., e alcança um estado no qual não existe nenhum mal.

52 – Quando tua compreensão ultrapassar os conceitos ilusórios, irás adquirir a indiferença com relação ao que ouviste e ao que deves ouvir.

53 – Quando se aclarar tua compreensão perplexa por causa das diferentes opiniões e te estabeleças no samadhi (absorção espiritual), então lograrás o yoga.

54 – Disse Arjuna:
Ó Keshava, como defines ao homem de conhecimento firme e estabelecido no samadhi? Como fala, como caminha, como se senta o homem de conhecimento firme?

55 - Disse o BENDITO SENHOR:
Ó Partha, aquele que renuncia a todos os desejos e permanece satisfeito em seu próprio Ser, é considerado um homem de conhecimento firme.

56 – Aquele que permanece imperturbável na adversidade e não anela a felicidade, que não tem apego, nem medo, nem ira, é um *muni* de sabedoria firme. (Muni significa: sábio que guarda silêncio.)

57 – É permanente a sabedoria daquele que se mantêm desapegado em todas as situações, que não se regozija no bem-estar, nem se sente molestado no mal-estar.

58 – E quando ele retira completamente os sentidos dos respectivos objetos, como a tartaruga oculta os membros do corpo em sua carapaça, então seu conhecimento se consolida.

59 – Os objetos se desprendem do abstinente, porém não o desejo de gozo. Aquele que realiza o Ser Supremo se libera até deste desejo.

60 – Ó Kouteya, os turbulentos sentidos forçam a ir pelo mau caminho, a mente daquele que está lutando para chegar à perfeição.

61 – Controlando-os, o homem de conhecimento firme deve meditar em Mim. Sem dúvida, a sabedoria daquele que controlou seus sentidos não vacila mais.

62-63 – Naquele que pensa nos objetos, nasce o apego, do apego nasce o desejo, do desejo (frustrado) nasce a ira, da ira nasce a ofuscação, da ofuscação nasce a confusão da memória, em seguida a vontade se destrói e então o homem perece.

64 – Mas o homem controlado, com seus sentidos restringidos, livre da atração e aversão, ainda que se mova entre os objetos, alcança a paz.

65 – Ao alcançar a paz, todos seus pesares desaparecem. Na verdade, logo se manifesta a sabedoria do homem sereno.

66 – Em troca, para aquele sem controle, não existe a sabedoria nem a meditação. Aquele que não medita não tem paz e sem a paz, como se pode lograr a felicidade?

67 – Como o vento leva ao barco para fora de sua rota, assim perde-se a consciência quando a mente é levada pelos intranqüilos sentidos.

68 – Por isso, ó tu de poderosos braços, aquele cujos sentidos diante dos objetos são bem controlados, alcançou o conhecimento firme.

69 – O que é noite para os seres comuns, é dia para o homem de autocontrole e o que é dia para aqueles é noite para o conhecedor do Ser. (O homem comum é ignorante do supremo conhecimento, o qual é logrado pelo homem de autocontrole. A consciência do homem comum, que está sempre intranqüila, é puramente sensória; o sábio é indiferente a este tipo de consciência.)

70 - Só alcança a paz o muni (sábio silencioso ou quem sempre pensa em Deus) em quem entram os desejos do mesmo modo que os rios no pleno e plácido oceano, sem perturbá-lo e não aquele que deseja os prazeres.

71 – Aquele que vive desapegado, que abandona todos os desejos e que não tem noção alguma de 'eu' e 'meu', alcança a paz.

72 – Ó Partha, este é o estado de estabelecer-se em Brahman, alcançando o qual não permanecem mais as ilusões. Mesmo que se consiga este estado no momento da morte, o homem alcança Brahma-Nirvana e se identifica com o Supremo.

Capítulo III

O CAMINHO DA AÇÃO

1 – Disse Arjuna:
Ó Janardana, se segundo tua opinião, o conhecimento é superior à ação, então por que me conduzir a esta terrível ação?

2 – Com palavras aparentemente contraditórias, pareces confundir minha compreensão. Diga-me algo que com certeza me ajude a lograr o Supremo.

3 – Disse o BENDITO SENHOR:
Ó Impecável, ao principio (antes), para os homens, Eu havia declarado dois cominhos espirituais: o *gñana yoga*, ou caminho do conhecimento para os contemplativos e o *karma yoga*, ou caminho da ação para os ativos.

4 – O não trabalhar não conduz ao estado da inação, nem pela mera renúncia da ação se logra a perfeição. (O estado da inação é aquele onde todo motivo pessoal para atuar está ausente.)

5 – Na verdade, ninguém pode estar inativo nem por um momento, porque os gunas ou qualidades nascidas da *prakriti* (a natureza psicofísica) o obrigam a atuar.

6 – O néscio que, controlando externamente os órgãos da ação, segue mentalmente aos objetos dos sentidos é um hipócrita.

7 – Pelo contrário, ó Arjuna, se distingue aquele que controlando com a mente seus órgãos de ação, os dirige sem apego ao *karma yoga* (a ação que conduz à liberação).

8 – Cumpre com os deveres prescritos, porque a ação é superior a indolência e, além disso, se não atuas nem sequer poderás manter teu corpo.

9 – Este mundo (as pessoas) está atado por ações distintas das de *yagña* (culto, sacrifício, Vishnu ou Deus mesmo), de maneira que, ó Kouteya, atua sem apego, somente para o *yagña.*

10–12 - Ao principio quando Prajapati, o Criador, criou os seres juntamente com o *yagña* disse: "Por este yagña vos multiplicareis, que este yagña outorgue tudo o que desejais. Pelo yagña nutrireis aos *devas* (seres celestiais) e eles vos nutrirão. Nutrindo-se mutuamente ambos alcançareis ao bem supremo. Sendo nutridos pelo yagña (pelas oferendas), os devas vos darão os objetos desejados. É um verdadeiro ladrão aquele que desfruta dos objetos outorgados pelos devas, sem fazer as oferendas a eles".

13 – As pessoas boas que comem as sobras das oferendas se liberam de todos os pecados, em troca os que cozinham para si mesmos, comem pecados.

14 – Os seres corpóreos nascem do alimento, o alimento vem da chuva, a chuva vem do yagña e o yagña vem do karma ou ação.

15 – Sabe que as ações têm sua origem nos Vedas (são motivadas pelos ditos védicos) e os Vedas procedem do Imortal. Por isso, o onipresente Veda (Conhecimento) sempre está nos *yagñas.*

16 – Ó Partha, aquele que não segue aqui a esta roda que foi posta em movimento e está satisfeito com a vida sensória e pecaminosa, vive em vão.

17 – Ao contrário, aquele que se deleita somente no Atman (Ser), está satisfeito com o Atman e está plenamente contente com o Atman, não tem nenhum dever.

18 – Neste mundo ele não tem nada que ganhar pela ação, nada perde se não atua, nem necessita depender de ninguém para lograr seu propósito.

19 – Assim que, mantendo-se desapegado, cumpra com seu dever. Na verdade, atuando sem apego o homem alcança o Supremo.

20 – O Rei Janaka e outros conseguiram a perfeição, apenas pela ação. Deves atuar, ainda que seja só para servir de exemplo às pessoas.

21 – O que o homem superior faz é copiado pelas pessoas; o que ele mostra em sua ação é seguido pelo povo.

22 – Ó Partha, Eu não tenho nenhum dever a cumprir, não há nada nos três mundos que não haja logrado ou que tenha que lograr, no entanto continuo atuando.

23 – Ó Partha, se alguma vez Eu deixasse de atuar, o que faço sem descanso, as pessoas seguiriam meus passos.

24 – Se deixasse de trabalhar, estes mundos pereceriam, Eu seria responsável pela mistura das raças e pela destruição destes seres.

25 – Ó Bhárata, com o mesmo zelo com que os ignorantes trabalham para si mesmos, os sábios desapegados devem trabalhar para os demais.

26 – O sábio não deve perturbar a fé do ignorante que está apegado à ação; no entanto trabalhando ele mesmo assiduamente, deve ocupar ao ignorante na ação. (O conhecimento se purifica pela ação abnegada. O egoísmo, o maior obstáculo ao progresso espiritual, cresce mais na indolência.)

27 – Em todos os casos são os gunas (as qualidades) da prakriti que atuam, aquele cuja mente está iludida pelo egoísmo pensa: eu sou aquele que age (ator).

28 – Mas, ó tu de braços poderosos, saiba que os sábios conhecem a verdade sobre a distinção dos gunas e suas ações, e que os gunas, como sentidos, descansam sobre os gunas como objetos e assim não têm apego.

29 – Alucinadas pelos gunas que constituem a prakriti, as pessoas se apegam aos sentidos e suas funções. O sábio, que conhece tudo, não

deve perturbar as pessoas de pouca inteligência e conhecimento imperfeito. (O processo da evolução mental deve ser contínuo, mas jamais deve ser forçado e ir contra a tendência natural de cada aspirante espiritual. Nem todos têm o mesmo grau de compreensão nem a mesma capacidade de transformação, por isso as instruções espirituais devem ser aplicadas com muito carinho e paciência, individualmente para cada caso. Cada homem vê, interpreta e compreende a Verdade segundo seu ambiente e conceitos anteriores. Só pela contínua ação abnegada crescem no homem os conceitos universais da eterna Existência – Consciência – Bem-aventurança. O pensamento e a ação abnegada formam a base de todo progresso.)

30 – Dedicando a Mim todas as tuas ações e seus resultados, com a mente estabelecida no Atman e abandonando a esperança e o egoísmo, luta sem febre mental.

31 – Também, aqueles que sem reclamar e cheios de shraddha, praticam constantemente este Meu ensinamento, se liberam das ações e seus resultados. (shraddha é a atitude mental composta de sinceridade, humildade e fé.)

32 – Mas os que não praticam e desprezam este Meu ensinamento, estes néscios, muito ignorantes, vão à ruína.

33 – Mesmo o sábio trabalha segundo sua própria natureza; todos os seres seguem sua natureza. Que pode fazer o mero controle? (Nossa natureza está formada dos resultados de nossas ações e pensamentos anteriores, de maneira que o mero controle dos órgãos de ação não muda a atitude mental; este controle deve ser acompanhado pelo controle dos pensamentos e desejos.)

34 – Natural é a atração e aversão dos sentidos pelos objetos correspondentes; não se deve cair sob seu domínio porque eles (os objetos) são seus inimigos.

35 – Sempre é melhor cumprir o próprio dever, ainda que seja mal, que cumprir bem o dever que não lhe corresponde. E preferível morrer cumprindo o próprio dever; o dever alheio encerra temor (por ser desconhecido).

36 – Disse Arjuna:
Ó Varsneya (descendente dos Vrisnis, Krishna), o que impele ao homem a cometer o pecado, contra sua própria natureza e obrigado pela força?

37 – Disse o BENDITO SENHOR:

É o desejo, é a ira, nascido da qualidade rajásica (ativa) da prakriti; é como uma fome insaciável e muito pecaminoso. Considera-o neste mundo como teu inimigo.

38-39 – Como o fogo está coberto pela fumaça, o espelho pela poeira e o feto pela placenta, assim este (o conhecimento) está coberto por aquele (o desejo). O Kouteya, o conhecimento está coberto pelo desejo, que é como um voraz incêndio e constante inimigo do homem.

40 – Se diz que suas moradas são: os sentidos, a mente e o intelecto. Agindo por eles, o desejo alucina ao homem, cobrindo seu conhecimento.

41 – Por isso, ó tu o melhor dos Bháratas, antes de tudo controla teus sentidos e em seguida mata-o (o desejo), ele é o pecaminoso destruidor do conhecimento e da Suprema realização espiritual.

42 – Se diz que os sentidos são superiores ao corpo; a mente é superior aos sentidos; o intelecto é superior a mente e o Atman é superior ao intelecto.

43 – Ó tu de braços poderosos, restringindo assim a mente mediante o intelecto e conhecendo Aquele que está além do intelecto, destrua ao desejo, este inimigo difícil de vencer.

Capítulo IV

O CAMINHO DO CONHECIMENTO

1 – Disse o BENDITO SENHOR:
Eu ensinei este eterno yoga à Vivaswata. Vivaswata o ensinou à Manú e Manú a Ikshvaku.

2 – Assim, os reis sábios aprenderam este yoga de seus respectivos preceptores. Ó destruidor de teus inimigos, este yoga, depois de um longo período de tempo, foi esquecido.

3 – Como tu és Meu devoto e amigo, hoje lhe falei sobre este antigo yoga. Em verdade, este é um grande segredo.

4 – Disse Arjuna:
Tu nasceste muito depois de Vivaswata, como, portanto, entenderei que falaste deste yoga no remoto passado?

5 – Disse o BENDITO SENHOR:

Ó destruidor de teus inimigos, você e Eu já nos encarnamos muitas vezes; Eu conheço todas estas encarnações, você não as conhece.

6 – Ainda que (em realidade) não tenho nascimento, sou imutável e Senhor das criaturas, dominando Minha prakriti, me encarno, servindo-me de Minha própria *maia* (a inescrutável força divina).

7-8 – Ó Bhárata, toda vez que declina a religião (a retidão) e prevalece a irreligião, Me encarno de novo. Para proteger aos bons, destruir aos maus e estabelecer a (eterna) religião, Me encarno em diferentes épocas.

9 – Aquele que assim conhece realmente Minha divina encarnação e Minha obra, quando deixa este corpo não renasce mais; ele chega a Mim, ó Arjuna.

10 – Livres do apego, do medo e da ira, absortos em Mim, refugiando-se em Mim, purificados pela austeridade e pelo discernimento, muitos alcançaram Meu Ser.

11 – Seja qual for a maneira em que os homens Me adorem, Eu satisfaço seus desejos. Ó Partha, de todas as maneiras, é o Meu caminho que os homens seguem.

12 – Desejando êxito na ação neste mundo, as pessoas adoram aos devas (seres celestiais). Neste mundo dos homens o êxito na ação chega logo.

13 – As quatro castas foram criadas por Mim, segundo a atitude e as ações dos homens. Ainda que seja seu autor, (em realidade) saiba que sou imutável e não-ator.

14 – As ações não Me mancham, nem desejo seus frutos; aquele que assim Me conhece não é aprisionado pelas ações.

15 – Sabendo isto, os antigos aspirantes à liberação cumpriram seus deveres. Tu também atues como eles o fizeram no passado.

16 – Até os sábios (às vezes) tem confusão com relação ao que é a ação e o que é a inação. Eu te direi o que é a ação, sabendo-o te libertarás do mal.

17 – É necessário saber bem quais são as ações prescritas e quais as proibidas e também o que é a inação, porque é difícil saber qual é o modo adequado de atuar.

18 – Aquele que vê a inação na ação e a ação na inação, é um sábio entre os homens, é um yogui e pode executar todas as ações. (Os resultados

das ações que produzem todo tipo de momentâneas alegrias e pesares não afetam ao que trabalha sem egoísmo ou ao que se sente como um instrumento de Deus, de modo que toda sua ação é como a inação. Em troca, a inação de um egoísta ou irreligioso é pura indolência e lhe causa sofrimento e escravidão. Também se pode dizer que o ignorante pensa que o Ser atua, enquanto que o sábio vê ao corpo e aos órgãos atuar e sabe que para o Ser não há ação.)

19 – Aquele cujas ações não são motivadas por algum plano prévio ou por desejo, cujas ações são purificadas pelo fogo do conhecimento, a ele os sábios chamam conhecedor.

20 – Renunciando ao apego à ação e aos seus frutos, sempre satisfeito, sem depender de ninguém, o conhecedor, ainda que esteja ocupado na ação, em realidade não faz nada (que o possa prender).

21 – Sem desejos, com a mente e o corpo controlados, abandonando todos os bens, ainda que leve a cabo as ações físicas, (o sábio) não fica manchado por elas.

22 – Satisfeito com o que recai sobre ele, transcendendo os pares de opostos (como o calor e o frio, o agradável e o desagradável, etc.) livre da inveja, equânime diante do êxito e do fracasso, o sábio não se prende ainda que atue.

23 – Desapegado, emancipado, com a mente estabelecida no supremo conhecimento, o que faz tudo como yagña (sacrifício), toda ação se dissolve (não produz nenhum efeito que o possa atar).

24 – A concha (usada para as oferendas) é Brahman, a oferenda é Brahman, aquele que faz o culto é Brahman e o fogo é Brahman; aquele que vê ao único Brahman na ação alcança ao próprio Brahman.

25 – Outros yoguis fazem cultos aos devas e há outros que oferecem a seu próprio ser como oferenda no fogo de Brahman.

26 – Alguns oferecem a audição ou outros sentidos no fogo do controle e outros oferecem os objetos no fogo dos sentidos.

27 – Há quem ofereça as funções orgânicas e os pranas (as forças vitais) no fogo da yoga do autocontrole, aceso pelo conhecimento.

28 – Também há outros que fazem os cultos da caridade, da austeridade e da yoga, enquanto que, há quem considere como yagñas ao voto severo, ao discernimento e a diária leitura das escrituras.

29 – Há outros que praticam o pranayama (controle dos pranas ou forças vitais), oferecendo ao prana (a exalação) no apana (a inalação) e o apana no prana, depois de restringir a saída e a entrada dessas duas forças. Enquanto outros que regulam sua alimentação, oferecem as funções dos pranas nos pranas dos sentidos. (Depois de dominar a um dos cinco pranas, o yogui o concebe como fogo sagrado e nele oferece como oferenda aos quatro pranas restantes. O yogui perfeito controla aos cinco pranas ou ao corpo psicofísico.)

30-31 – Todos eles conhecem o yagña que consome seus pecados e eles absorvendo o néctar, as sobras da oferenda, alcançam ao eterno Brahman. (Qualquer ação feita sem egoísmo ou como uma oferenda à Deus purifica a mente do homem e o libera.) Ao que não faz o yagña não lhe pertence este mundo, muito menos o outro, ó tu, o melhor dos Kurus.

32 – Assim, os Vedas prescrevem diversos yagñas. Saiba que todos eles nascem da ação, com este conhecimento te libertarás.

33 – Ó destruidor dos inimigos, o yagña feito pelo conhecimento é melhor ao que se faz com objetos. Ó Partha, todas as ações chegam a sua consumação no conhecimento.

34 – Adquira-o (o conhecimento) prosternando-se, perguntando e servindo ao mestre; os sábios, conhecedores da suprema Verdade, lhe instruirão sobre esta sabedoria.

35-36 – Adquirindo-o, ó Pandava, não cairás de novo na ignorância e verás a todos em teu Ser e em Mim também. Mesmo se fosses o pior dos pecadores, cruzarás o mar dos pecados apenas na balsa deste conhecimento.

37 – Como um voraz incêndio reduz a cinzas todo o combustível, assim o fogo do conhecimento reduz a cinzas todas as ações.

38 – Em verdade, neste mundo não há melhor purificador da mente do que o conhecimento. O perfeito yogui, com o tempo, o logra automaticamente.

39 – O homem de *shraddha*, dedicação e autocontrole, adquire este conhecimento e em seguida, imediatamente alcança a suprema Paz.

40 – O ignorante, o homem sem *shraddha* (fé em si mesmo), o que duvida, vai à ruína. Para aquele que duvida, não há este mundo, nem o outro, nem felicidade.

41 – Ó Dhananjaia, aquele que pela yoga renunciou aos frutos das ações, cuja dúvida foi destruída pelo conhecimento e que repousa em seu Ser, não é atado pelas ações.

42 – Por isso, despedaçando com a espada do conhecimento a esta dúvida sobre o Ser, nascida da ignorância e que tomou posse de seu coração, refugie-se no yoga. Erga-se, ó Bhárata!

Capítulo V

A RENÚNCIA DA AÇÃO

1 – Disse Arjuna:
Ó Krishna, tu elogias a renúncia da ação e também o cumprimento da ação. Por favor, diga-me definitivamente o que é melhor para mim.

2 – Disse o BENDITO SENHOR;
A renúncia e a ação abnegada, ambas conduzem à liberação, mas entre elas, o *karma yoga* ou ação abnegada, é superior à renúncia da ação.

3 – Ó tu de poderosos braços, aquele que não sente gosto nem desgosto, deve ser considerado como um homem de constante renúncia, porque estando livre dos pares de opostos, se libera muito facilmente.

4 – As pessoas de mentalidade infantil e não o sábio, dizem que o conhecimento é diferente da ação abnegada. Praticando qualquer deles se logra o fruto de ambos.

5 – O estado que alcança o *gñani* é alcançado também pelo *karmayogui.* Aquele que vê a identidade entre o conhecimento e a ação abnegada, vê corretamente.

6 - Ó tu de poderosos braços, é muito difícil lograr a renúncia da ação sem haver cumprido a ação abnegada; o sábio dedicado à ação abnegada alcança logo à Brahman (Deus Impessoal e sem qualidades).

7 – Aquele que está dedicado à ação abnegada e de mente pura, que controlou seu corpo e seus sentidos e cujo Ser é o Ser de todos, ainda que atue não se mancha.

8-9 – O abnegado, conhecedor da Realidade, pensa: ‘Eu não faço nada’, ainda que vê, ouve, toca, cheira, come, caminha, dorme, respira, fala, evacua, pega os objetos, abre e fecha os olhos, porque sabe que são os diferentes sentidos que funcionam com relação aos seus respectivos objetos.

10 – Aquele que dedica sem apego todas suas ações à Brahman, não é umedecido pelo pecado, assemelhando-se à folha de lótus (que sempre está na água, sem molhar-se).

11 – O homem abnegado, que renuncia ao apego, atua com o corpo, a mente, o intelecto e os sentidos para purificar sua mente.

12 – O homem equilibrado, renunciando ao fruto da ação, logra a suprema paz; em troca, o que carece de equilíbrio e cuja ação é impelida pelo desejo, permanece atado por seu apego ao fruto da ação.

13 – Aquele que controlou seus sentidos, quando renuncia a toda ação pelo discernimento se sente feliz na cidade de nove portas (o corpo) e não atua nem faz atuar a ninguém.

14 – O Senhor não cria para as pessoas o conceito de agente nem a união com os frutos das ações. Tudo isto é obra da natureza.

15 – O onipresente Senhor não aceita o pecado nem a virtude de ninguém. O conhecimento está envolvido pela ignorância, por isso os seres caem na ilusão.

16 - Mas aqueles cuja ignorância foi destruída pelo conhecimento do Atman (Ser), este conhecimento, como o sol, lhes revela o Supremo.

17 – Os seres, cujos intelectos estão impregnados Daquele (o Supremo), que se identificaram com Aquele, que tomaram refúgio Naquele e cujas impurezas foram limpas pelo conhecimento, alcançam o estado de não-retorno (a liberação).

18 – Com a mesma equanimidade o sábio considera a um erudito brahmin, a uma vaca, a um elefante, a um cão e a um selvagem.

19 – Os homens equânimes, mesmo nesta vida, conquistam a existência relativa e como Brahman é perfeito e idêntico com todos, eles se estabelecem em Brahman.

20 – Aquele que conhece a Brahman e está estabelecido Nele, cuja mente não tem mais ilusões e nem dúvidas, não se regozija ao receber objetos agradáveis nem se aflige quando recebe objetos desagradáveis.

21 – Aquele cuja mente não tem mais apego aos objetos externos dos sentidos, alcança a bem-aventurança do Atman e se identifica com Brahman; e estando absorto Nele, goza a bem-aventurança eterna.

22 – Os prazeres que nascem dos objetos sensórios e que têm princípio e fim são em realidade a causa do sofrimento. Por isso, ó Kounteya, os sábios não se regozijam neles.

23 – Nesta mesma vida, antes de deixar o corpo, aquele que resiste aos impulsos do desejo e da ira, está estabelecido na yoga e é bem-aventurado.

24 – Aquele yogui cuja felicidade é interna, cujo regozijo é interno, cuja luz (conhecimento) é interna, se identifica com Brahman e alcança a liberação absoluta.

25 – Os rishis (sábios espirituais) cujas imperfeições se esgotaram, cujas dúvidas se desvaneceram, que lograram o controle mental e estão dedicados ao bem-estar de todos, vivem absortos em Brahman.

26 – Os *yatis* (dedicados à vida espiritual) que estão livres da paixão e ira, cuja mente está controlada, que realizaram ao Atman, permanecem absortos em Brahman aqui e no além.

27-28 – Afastando a percepção dos objetos externos, fixando o olhar entre as sobrancelhas e restringindo dentro das fossas nasais ao *prana* e *apana* (as forças que regem a exalação e inalação), controlando os sentidos, a mente e o intelecto, estando livre do desejo, medo e ira, libera-se pra sempre.

29 – Aquele que conhece a Mim, que sou o dispensador dos frutos do yagña e das austeridades, o Grande Senhor dos mundos e o amigo de todos os seres, obtém a Paz.

<u>Capítulo VI</u>

O CAMINHO DA MEDITAÇÃO

1 – Disse o BENDITO SENHOR:
Aquele que cumpre com seu dever e não deseja o fruto de suas ações é um monge e também um karmayogui e não aquele que não trabalha nem cuida do sagrado fogo (O símbolo da Divindade, com o qual antigamente todo indo-ariano fazia seu culto).

2 – Sabe, ó Arjuna, o que é chamado renúncia é idêntico à yoga porque ninguém pode ser um yogui sem renunciar ao desejo pelo fruto da ação.

3 – Para o sábio que quer ser um yogui, a ação é o meio e para aquele estabelecido na yoga, a inação é o meio (para permanecer absorto no Supremo).

4 – Quando já não se tem apego aos objetos sensórios e nem às ações, se diz que se alcançou a yoga.

5 – Uma pessoa deve erguer-se por si mesmo e nunca rebaixar-se, porque é (pode ser) amigo de si mesmo e também inimigo de si mesmo.

6 – Para aquele que conquistou a si mesmo, seu ser é seu amigo, em troca para aquele sem controle, seu próprio ser é seu inimigo.

7 – O homem sereno e de autocontrole, sempre está absorto no Supremo e se mantém igual no calor e no frio, no prazer e na dor, na honra e na desgraça.

8 – É um yogui bem estabelecido aquele que logrou a satisfação pelo conhecimento e pela realização, que é firme em sua convicção, que tem seus sentidos controlados e considera de igual valor a um torrão de terra, a uma pedra e a uma peça de ouro.

9 – Sobressai aquele que tem igual consideração para o amigo, o benfeitor, o inimigo, o neutro, o árbitro, o odioso, o parente, o bom e o mau.

10 – Com seu corpo e mente dominados, livre de desejos e de bens e vivendo sozinho, retirado de todos, o yogui deve praticar constantemente a concentração mental.

11-12 – Em um lugar limpo deve preparar um assento firme, nem muito alto nem muito baixo e depois de cobri-lo com erva kusha, uma pele de cervo e um lenço, deve sentar-se sobre ele. Em seguida, controlando as atividades sensórias e mentais mediante a concentração, deve praticar a yoga para lograr a purificação mental.

13-14 – Mantendo as costas, o pescoço e a cabeça bem firmes e endireitados, deve fixar o olhar na ponta do nariz sem olhar em outra direção; em seguida, bem sereno e sem medo, praticando continência e disciplina mental e pensando sempre em Mim como sua suprema meta, deve permanecer absorto em Mim.

15 – Desta maneira, pela constante concentração, o yogui logra absoluto domínio sobre sua mente e sua paz culmina na beatitude final, na união comigo.

16 – Ó Arjuna, aquele que come muito ou come muito pouco, aquele que dorme muito ou dorme muito pouco, não logra o yoga.

17 – Aquele que é moderado na comida, na diversão, na ação, no sono e quando está desperto, alcança o yoga que destrói o sofrimento.

18 – Quando a mente bem controlada descansa só no Atman e se está livre do desejo pelos prazeres, então se diz que logrou o yoga.

19 – A chama fixa de uma vela em um lugar sem vento é o exemplo da mente controlada de um yogui que praticou a concentração no Atman.

20-23 – O estado no qual a mente, controlada pela prática da concentração, permanece quieta, no qual se goza de seu próprio Ser vendo-o com a mente pura e no qual, mediante o intelecto, realiza a bem-aventurança infinita que está além de toda percepção sensória, se chama yoga. Estabelecendo-se Nele, não se afasta da Realidade; alcançando-o, todo o resto parece ínfimo. Quando se está firme neste estado, mesmo os maiores sofrimentos não podem comovê-lo. Este yoga, que não tem nenhum contacto com o pesar, deve ser praticada com ânimo e convicção.

24-25 – Abandonando completamente todos os desejos nascidos da fantasia e impedindo, só com a mente, que os sentidos se dirijam aos objetos em todas as direções e com o intelecto regulado pela concentração, pouco a pouco, deve-se lograr a quietude e assim estabelecendo a mente no Atman, não se deve pensar em outra coisa (deve praticar a absorção total no Supremo).

26-27 – Em qualquer parte que encontre vagando a esta intranqüila e vacilante mente, freando seus movimentos, se deve trazê-la sob o domínio do Ser. A bem-aventurança suprema chega ao yogui identificado com Brahman, cuja atividade se aquietou, cuja mente está tranqüilizada e cujas paixões estão sossegadas.

28 – O yogui que é completamente livre das manchas do apego e que constantemente controla a mente dessa maneira, com facilidade alcança a bem-aventurança infinita do contacto com Brahman.

29 – Aquele cuja mente está absorta pela prática do yoga e é equânime, vê ao Atman em todos os seres e a todos os seres em seu próprio Ser.

30 – Aquele que Me vê em tudo e vê tudo em Mim, não me perde nunca e Eu não o abandono jamais.

31 – Aquele que estando unido com todos adora a Mim que resido em todos os seres, qualquer que seja sua ocupação, este yogui vive em Mim.

32 – Ó Arjuna, o melhor yogui é aquele que considera ao prazer e a dor de todos os seres como se fossem seus.

33 – Disse Arjuna:
Ó Madhusudana (Krishna), esta yoga que tu descreves como equanimidade, eu não vejo como pode ser permanente, devido à intranqüilidade da mente.

34 – Pois a mente, Ó Krishna, é intranqüila, turbulenta, poderosa e obstinada. Parece-me que é tão difícil de controlar como o vento.

35 – Disse o BENDITO SENHOR:
Sem dúvida, ó tu de braços poderosos, a mente é intranqüila e difícil de controlar, no entanto, ó Kounteya, pode ser controlada mediante a repetida prática e o desapego.

36 – Minha opinião é de que a pessoa cuja mente não está controlada, dificilmente logra esta yoga, em troca, o homem de autocontrole, que faz o esforço segundo os meios (aconselhados) pode lográ-la.

37 – Disse Arjuna:
O que acontece a uma pessoa que tem *shraddha* (fé), mas carece de determinação e não consegue lograr a perfeição na yoga (antes de morrer), devido à que sua mente vaga por toda parte?

38 – Ó Krishna, Tu de poderosos braços, (este homem) perdido no caminho de Brahman, caindo de ambos (conhecimento e karmayoga) e sem suporte, não perecerá como uma pequena nuvem desprendida (de uma grande massa de nuvens).

39 – Ó Krishna, Tu deves tirar de mim esta dúvida completamente, porque ninguém além de Ti pode fazê-lo.

40 – Disse o BENDITO SENHOR:
Realmente, ó Partha, não há destruição para este homem nem aqui e nem no além, porque, meu filho, o benfeitor jamais termina mal.

41-42 – Aquele que caiu do yoga (que não alcançou a perfeição) vai à esfera dos justos; depois de viver ali durante longo tempo, renasce em uma família de pessoas puras e prósperas ou renasce em uma família de sábios karmayoguis. Na realidade um nascimento assim é muito difícil de conseguir.

43 – Então entra em contacto com o conhecimento adquirido na vida passada e se esforça mais do que antes para lograr a perfeição, ó Kourava!

44 – Este homem, ainda assim, é levado à sua meta só pela força de suas práticas anteriores. Mesmo um mero investigador sobre a yoga é superior aos que fazem cultos.

45 – Certamente, o yogui que pratica assiduamente, se purifica de suas faltas e aperfeiçoando-se durante várias vidas, ao final logra a meta suprema.

46 – O yogui (karmayogui) é considerado superior aos ascetas, aos homens de conhecimento e às pessoas de ação; por isso seja um yogui.

47 – Segundo Minha opinião, de todos os yoguis, sobressai aquele que com fé Me adora com toda sua mente absorta em Mim.

Capítulo VII

O CAMINHO DO CONHECIMENTO E DE SUA REALIZAÇÃO

1 – Disse o BENDITO SENHOR:
Ouve, Partha, com a mente dedicada a Mim, tomando refúgio em Mim e praticando a yoga, poderás conhecer-Me plenamente, sem dúvida alguma.

2 – Te falarei sem reserva sobre este conhecimento e o método de sua realização; conhecendo-os, nada mais existe por conhecer neste mundo.

3 – Entre milhares de homens, talvez um tenta chegar à perfeição; entre os que tentam, possivelmente, um logra a perfeição e entre os perfeitos, talvez um Me conheça perfeitamente.

4 – A terra, a água, o fogo, o ar, o espaço, a mente, o intelecto e o ego são as oito categorias em que está dividida a Minha *praktiti* (natureza objetiva).

5 – Esta é Minha prakriti inferior. Distinta dela, ó tu de poderosos braços, conheça a Minha prakriti superior, ao Ser interno, que sustém a este universo.

6 – Saiba que elas (as duas prakritis) são como as matrizes de todos os seres; Eu sou a origem e a dissolução do universo inteiro.

7 – Ó Dhananjaia, nada existe além de Mim. Tudo isto existe em Mim, como as gemas unidas por um cordão.

8 – Ó Kounteya, Eu sou o sabor das águas, o esplendor da lua e do sol; sou o sagrado OM dos Vedas, o som do espaço e o valor do homem.

9 – Sou a fragrância da terra, o brilho no fogo, a vida de todos os seres e a austeridade dos ascetas.

10 – Saiba, ó Partha, que sou a semente eterna de todos os seres; sou a inteligência dos inteligentes e a valentia dos valentes.

11 – Ó tu, o melhor dos Bháratas, Eu sou a força dos fortes sem desejo nem apego e sou aquele desejo dos homens que não é antagônico ao seu dever.

12 – E saiba que unicamente de Mim se originam os estados serenos, ativos e inertes, mas Eu não estou neles, ainda que eles estejam em Mim (Deus é onipresente e contém a todos).

13 – Todo este mundo iludido por estes três estados, está composto dos gunas (qualidades primárias que constituem a prakriti, a natureza psicofísica). Este mundo não Me conhece; estou além dos gunas e sou Imutável.

14 – Esta Minha divina ilusão, constituída pelos gunas, é realmente difícil de transcender; só os que se refugiam em Mim podem fazê-lo.

15 – Desprovidos de discernimento devido à força de *maia* (divina ilusão) e seguindo o caminho demoníaco, os mais ignorantes e malvados entre os homens não tomam refúgio em Mim.

16 – Ó Arjuna, quatro tipos de pessoas que fizeram boas ações Me adoram. Eles são: o aflito, o que busca riquezas (prazeres), o aspirante ao conhecimento e o homem de sabedoria, ó tu, o melhor dos Bháratas!

17 – Entre eles sobressai o sábio constante e de devoção única. Sou muito querido por este sábio e Eu o quero muito.

18 – Realmente todos eles são muito nobres, mas considero ao sábio como Meu próprio Ser, porque ele Me escolheu como sua única meta e com a mente firme, se refugiou em Mim.

19 – Ao final de muitas vidas o sábio se refugia em Mim, realizando que tudo isto é Vasudeva (o Ser universal). Mas, raramente se encontra um sábio assim.

20 – Existem outros, que carentes de discernimento, devido a diversos desejos e seguindo distintos cultos, adoram aos devas (seres celestiais), impelidos por sua própria natureza.

21-22 – Qualquer que seja a forma (do deva) que o devoto quer adorar com fé, Eu faço constante a esta fé. Dotado dessa fé, o devoto adora ao seu deva preferido, que lhe outorga os dons. Mas em realidade, sou Eu quem os dou.

23 – Mas o dom que logra estas pessoas de pouco entendimento, tem fim. Os que adoram aos devas vão a eles, mas Meus devotos vêm a Mim.

24-25 – Sem conhecer Minha suprema natureza que é imutável, transcendental e que não se manifesta, os ignorantes Me consideram como manifestado (igual a qualquer mortal). Como estou coberto pelo véu de *yogamaia* (divina ilusão), não sou cognoscível para todos. O ignorante não sabe que sou imutável e sem nascimento.

26 – Eu conheço, ó Arjuna, a todos os seres do passado, presente e futuro; mas ninguém conhece a Mim.

27 – Ó Bhárata, destruidor dos inimigos, todos os seres ao nascer, ficam iludidos pelos pares de opostos (percepções de calor e frio, etc.), que surgem do desejo e da aversão.

28 – Mas as pessoas de atos meritórios, cujos pecados terminaram e que estão livres dos pares de opostos, com boa resolução, Me adoram.

29 – Aqueles que lutam para liberar-se de velhice e da morte se refugiam em Mim; eles conhecem à Brahman, a tudo que é relativo ao ser individual e às ações (com seus resultados).

30 – Aqueles que Me conhecem juntamente com tudo que se relaciona com os seres, os devas e os cultos, fixam sua mente em Mim e mesmo no momento do desenlace final, mantêm este conhecimento.

Capítulo VIII

O CAMINHO A BRAHMAN, O IMPERECEDOURO

1-2 – Disse Arjuna:
Ó Tu, o melhor dos homens, o que é Brahman? O que é o Ser individual? O que é a ação? O que é o *adhibhuta* (o substrato dos elementos)? O que é o *adhideiva* (o que sustém aos devas)? Ó Madhusudana, quem é o *adhiyagña* no corpo e como atua? Quem sustém aos diversos cultos e outorga seus respectivos frutos? Além disso, como Te conhecem os homens de autocontrole no momento de morrer?

3 – Disse o BENDITO SENHOR:
Brahman é o Imperecedouro e o Supremo, quando mora em cada corpo é chamado Ser individual. A ação é a oferenda, que é a origem e o desenvolvimento de todos os seres.

4 - Ó tu, o melhor dos homens, *adhibhuta* é a entidade mortal; *adhideiva* é o Ser cósmico e Eu sou o *adhiyagña* no corpo.

5 – Aquele que momento da morte, recorda somente a Mim, quando deixa o corpo alcança Meu Ser, sobre isto não há nenhuma dúvida.

6 – Ó Kounteya, se um homem no momento da morte pensa em qualquer coisa (objeto, pessoa ou deva), por estar constantemente absorto nela (durante a vida), vai a ela quando deixa o corpo.

7 – Portanto pensa constantemente em Mim e luta. Mantendo tua mente e intelecto absortos em Mim, sem dúvida Me alcançarás.

8 – Ó Partha, aquele que mediante a yoga da prática constante, sem permitir que a mente continue vagando, medita no Supremo Ser Divino, chega a Ele.

9-10 – Aquele que no momento da morte, com a mente firme e cheia de devoção, fixa ao prana entre as sobrancelhas pelo poder da yoga, medita sobre o onisciente e primordial Ser, o governador e dispensador de tudo, mais sutil que o átomo e o suporte de todos, cuja forma é inconcebível e resplandecente como o sol, que está além da ignorância, depois de deixar o corpo, chega ao Supremo e luminoso Ser.

11 – Agora te descreverei em poucas palavras o princípio chamado o Imperecedouro pelos conhecedores dos Vedas, no qual entram os *yatis* (dedicados) auto-controlados e livres do apego. Para lograr este princípio os aspirantes levam uma vida de continência.

12-13 – Aquele que controla as portas dos sentidos (aos órgãos), que confina a mente no coração, que fixa ao prana na cabeça e assim se dedica à prática da yoga repetindo o sagrado OM, símbolo de Brahman e medita em Mim, quando deixa seu corpo alcança a Meta Suprema.

14 – Ó Partha, sou facilmente acessível ao yogui constante em suas práticas, que recorda a Mim continuamente todos os dias, sem pensar em outras coisas.

15 – As grandes almas, depois de chegar a Mim, não estão mais sujeitas ao renascimento, que é a morada do pesar e de tudo que é transitório, pois já lograram a mais alta perfeição.

16 – Os seres de todos os mundos, ó Arjuna, incluindo a esfera de Brahma (o Criador) estão sujeitos ao renascimento. Mas, ó Kounteya, não renascem mais os que chegam a Mim.

17 – Os conhecedores do dia e da noite (os períodos de evolução e dissolução do universo) sabem que um dia ou uma noite de Brahma é equivalente a mil yugas nossos. (Segundo a mitologia hindu um yuga equivale à 4.320.000 dos nossos anos e o dobro deste período equivale a 24 horas de Brahma, que vive cem anos.)

18 – Quando amanhece o dia de Brahma todos os seres se manifestam provenientes da não-manifestada prakriti; e no ocaso desaparecem na mesma.

19 – Ó Partha, esta multidão de seres que nasce e renasce é absorvida quando chega a noite de Brahma e ao amanhecer aparece de novo inexoravelmente.

20 – Por trás desta existência não-manifestada existe outro Ser não-manifestado e eterno que não perece quando perecem os seres.

21 – Este último não-manifestado é o Imperecedouro, a Meta Suprema; alcançando-O não há mais renascimento. Esta é Minha suprema morada (existência ou Ser).

22 – Aquele Supremo Ser, ó Partha, em Quem estão todos os seres e por Quem tudo isto está interpenetrado, é realizado mediante a total e exclusiva devoção.

23 – Te falarei, ó melhor dos Bháratas, com relação ao tempo (ou caminho) em que os yoguis deixando seus corpos, logram a emancipação ou nascem novamente.

24 – Ao deixar o corpo, tomando o caminho do fogo, da luz, do dia, da quinzena luminosa da lua e do solstício setentrional (acompanhados pelos correspondentes devas), os conhecedores de Brahman vão a Brahman (se liberam).

25 – O yogui que ao morrer, segue pelo caminho da fumaça, da quinzena escura da lua e do solstício meridional, chega à esfera lunar e em seguida renasce.

26 – Estes dois caminhos, o luminoso e o escuro, são considerados permanentes. Pelo primeiro se emancipa e pelo segundo há o renascimento.

27 – Conhecendo estes caminhos, ó Partha, nenhum yogui continua iludido. Por isso, ó Arjuna, estabelece-te na yoga.

28 – O Yogui que conhece isto transcende os méritos declarados nos Vedas, com relação aos yagñas, ao ascetismo e a caridade, e logra a morada Suprema e Primordial (ao eterno Brahman).

Capítulo IX

O CAMINHO DA SABEDORIA REAL
E DO MISTICISMO REAL

1 – Disse o BENDITO SENHOR:
A ti, Ó Arjuna, que não Me contrarias, revelarei este grande mistério do conhecimento e sua realização; conhecendo-o, te libertarás do mal.

2 – Este é o rei do conhecimento e do segredo; é a santidade suprema; é percebido diretamente, fácil de praticar, é a espiritualidade e é imperecedouro.

3 – Ó destruidor dos inimigos, as pessoas que carecem de fé nesta doutrina não chegam a Mim e retornam a este mundo mortal.

4 – Todo este mundo está interpenetrado por Mim em Meu estado não-manifestado. Todos os seres estão em Mim, mas Eu não estou neles (como sou inconexo, não tenho nenhuma relação com eles).

5 – Nem os seres estão em Mim; observa Meu divino mistério. Ainda que seja o sustém e o protetor dos seres, no entanto, Meu Ser não está neles. (Como não tenho nenhum conceito de ego pessoal, não tenho apego a nada, como têm os seres encarnados.)

6 – Como o grande vento que se move por todas as partes está sempre no espaço, saiba que assim todos os seres estão em Mim.

7 – Ao final de um ciclo, ó Kounteya, todos os seres voltam à Minha prakriti (se transformam nos princípios dos gunas: *sattva*, serenidade, *rajas*, atividade e *tamas*, inércia). Ao princípio de outro ciclo, de novo Eu os projeto.

8 – Dominando a Minha prakriti, projeto inúmeras vezes a estes seres sem autodomínio, de acordo com sua própria natureza. (Este verso é a resposta de uma possível pergunta: como o Senhor que é inconexo e imutável pode criar? A criação é a obra da prakriti, a natureza psicofísica, que começa a funcionar pela mera proximidade do Senhor.)

9 – E estes atos, ó Dhananjaia, não Me atam, porque permaneço desapegado como uma pessoa indiferente.

10 – Dirigida por Mim, a prakriti produz o mundo dos objetos inanimados e animados e assim, ó Kounteya, o mundo segue seu rumo.

11 – Quando Eu tomo forma humana, os ignorantes, os inconscientes de Minha natureza superior como Supremo Senhor de todos, Me menosprezam.

12 – Estes ignorantes, de natureza demoníaca, ambiciosos e cruéis, mantêm esperanças vãs, trabalham em vão e perseguem vãos conhecimentos, pois são insensatos.

13 – Mas as grandes almas, de natureza divina, Me adoram, sabendo que sou imutável e a origem de tudo.

14 – Esforçando-se com firme determinação, prosternando-se diante de Mim com devoção e glorificando-Me sempre, eles Me adoram.

15 – Outros, pelo yagña do Ser (considerando a existência do Ser em tudo), adoram a Mim, o Oniforme; mas quando se consideram diferentes de Mim, Me adoram identificando-Me com o multiforme.

16 – Eu sou o kratu (um culto védico). Eu sou o yagña (culto recomendado pelos textos sagrados), sou a svadhá (oferendas aos espíritos), sou os cereais e as plantas medicinais, sou o mantram (fórmula sagrada utilizada nas orações), sou a manteiga derretida para a oferenda, sou o fogo sagrado e sou a oferenda.

17 – Eu sou o pai deste mundo, sou a mãe, o avô, o dispensador, o purificador, o que há de conhecer-se; sou o OM e os Vedas: Rik, Sáman e Yajus.

18 – Eu sou o Ideal, o sustém, o Senhor, a Testemunha, a morada, o refúgio, o amigo, a origem, a dissolução, o substrato, o depósito de valores e a semente eterna.

19 – Eu dou o calor (pelo sol), faço chover e paro a chuva; sou a imortalidade e também sou a morte, sou o manifestado e o não-manifestado, ó Arjuna.

20 – Os conhecedores dos Vedas, purificados de seus pecados, bebendo o santificado suco das folhas do *soma*, Me adoram para ir ao céu; chegando à esta esfera de méritos de Indra, o rei dos seres celestiais, desfrutam dos gozos.

21 – Ao terminar o período de mérito, pelo qual gozam no vasto céu, entram de novo neste mundo dos mortais. Assim vão e vêm os que cumprem com os mandamentos dos três Vedas.

22 – As pessoas que, identificando-se comigo, constantemente meditam em Mim, Eu lhes levo tudo o que necessitam e preservo o que já têm.

23 – Mesmo aqueles que adoram com fé aos devas, na realidade, ó Arjuna, adoram a Mim, ainda que equivocadamente (porque buscam prazeres e não a liberação).

24 – Eu sou o único Senhor e desfrutador dos yagñas, mas eles não Me conhecem realmente, por isso regressam a este mundo.

25 – Os devotos dos devas vão aos devas, os adoradores dos espíritos vão aos espíritos, os adoradores de outros espíritos inferiores vão a eles; também Meus devotos vêm a Mim.

26 – Se alguém com devoção Me oferece uma folha, uma flor ou um pouco de água, Eu aceito estas oferendas que vêm de pessoas puras.

27 – Qualquer coisa que faças, comas, sacrifiques ou dês a alguém, qualquer austeridade que pratiques, ofereça-o a Mim, ó Kounteya.

28 – Assim te libertarás das ataduras dos frutos das ações boas ou más e estando emancipado e firmemente estabelecido na yoga da renúncia, virás a Mim.

29 – Eu sou equânime com todos os seres, não tenho preferências, nem desprezo a ninguém, mas os que Me adoram estão em Mim e Eu neles.

30 - Se um malvado adora a Mim somente, deve ser considerado como uma pessoa boa porque tomou uma boa determinação.

31 – Logo sua mente se torna espiritual e logra a Paz. Ó Kounteya, proclama ao mundo que Meus devotos jamais perecem.

32 – Mesmo aqueles que nasceram em ambientes inferiores, as mulheres, os comerciantes, os trabalhadores (todos sem instrução espiritual), quando se refugiam em Mim, ó Partha, todos logram a Meta Suprema (liberação).

33 – E o que se dirá dos religiosos brahmins e dos reis sábios! Já que encarnaste neste corpo infeliz e transitório, adora a Mim.

34 – Fixe tua mente em Mim, seja Meu devoto, ofereça-Me os yagñas, prosterne-te a Mim e assim, com o coração dedicado a Mim e considerando-Me como o Supremo Ideal, virás a Mim.

Capítulo X

AS MANIFESTAÇÕES DIVINAS

1 – Disse o BENDITO SENHOR:
Ó tu de braços poderosos, ouve de novo Minha palavra suprema. Como te deleita ouvi-la, Eu a direi para teu bem.

2 – Os devas e os *rishis* (sábios espirituais) não conhecem Minha origem, pois Eu sou a fonte de todos eles.

3 – Entre os homens, aquele que sabe que Eu não tenho origem ou princípio e sou o Senhor dos mundos, se libera de todos os pecados.

4-5 – O discernimento, o conhecimento, não ficar iludido, o perdão, a veracidade, o controle dos órgãos internos e externos, a felicidade, a infelicidade, a existência, a inexistência, o medo, a intrepidez, não causar dano, a equanimidade, a satisfação, a austeridade, a caridade, a fama e a má fama; todas estas qualidades nascem de Mim somente.

6 – Os sete grandes rishis e os quatro *manús* nasceram de Mim; todos eles estão dotados de Meu poder. Todas as criaturas do mundo procedem deles.

7 – Aqueles que em realidade conhecem estas Minhas divinas manifestações e Meu poder yóguico, se estabelecem firmemente na yoga; não existe nenhuma dúvida a respeito disto.

8 – Sou a origem de tudo, tudo evolucionou de Mim; conhecendo isto, os sábios Me adoram com amor e conhecimento.

9 – Com a mente e os sentidos absortos em Mim, instruindo-se mutuamente a respeito de Mim, conversando sobre Mim, eles estão sempre felizes e satisfeitos.

10 – A eles, que estão assim dedicados a Mim e Me adoram com devoção total, Eu lhes dou a yoga da compreensão, pela qual vêm a Mim.

11 – Para fazê-los bem-aventurados, morando em seu intelecto, destruo a escuridão da ignorância mediante a resplandecente luz do conhecimento.

12-13 – Disse Arjuna:
Tu és o Supremo Brahman, a Suprema Morada e o Supremo Purificador, Todos os rishis humanos e Nárada, o rishi entre os devas e também Asita, Devala e Vyasa Te chamam de o Eterno, Luminoso Ser, a Divindade Primordial e Tu mesmo o estás dizendo.

14 – Ó Keshava, tudo isto que me disse eu considero como a verdade. É certo, ó Senhor, que nem os devas, nem os *asuras* (demônios) conhecem Tuas manifestações.

15 – Só Tu conheces a Ti mesmo, Ó Suprema Pessoa, Ó Criador e Senhor dos seres, Ó Deus dos deuses, Ó Amo dos mundos!

16 – Na verdade só Tu podes falar extensamente de Tuas divinas glórias, pelas quais, interpenetrando todos estes mundos, Tu existes.

17 – Ó Yoguin, como devo meditar para conhecer-Te? Ó Senhor, em quais objetos particulares devo meditar sobre Ti?

18 – Ó Janardana, fale-me de novo amplamente de Teus poderes yóguicos e Teus atributos. Jamais me sacio de ouvir Tuas palavras de néctar.

19 – Disse O BENDITO SENHOR:
Bem, de novo te falarei sobre Minhas principais glórias divinas, ó melhor do Kurús, porque são infinitas Minhas manifestações.

20 – Ó Gudakesha (Arjuna, o vencedor do sono), Eu sou o Atman no coração de todos os seres. Sou o princípio, o meio e o fim de todos.

21 – Sou Vishnú entre os adityas (um grupo de doze divindades), sou o brilhante sol entre os astros, sou Marichi dos ventos e a lua dos planetas.

22-23 – Dos Vedas sou o Sama Veda, dos devas sou Indra, dos sentidos sou a mente e sou a consciência dos seres. Dos rudras sou Shankara, dos yakshas e rakshashas sou Kubera, dos vasus sou Pávaka, o fogo, e das montanhas sou Meru.

24-25 – Ó Partha, saiba que sou Brihaspati entre os sacerdotes, sou Skanda entre os generais, sou o oceano entre os lugares aquáticos. Sou Bhrigú entre os rishis, dos verbos sou OM, sou o *japam* (repetição do santo nome de Deus) entre os yagñas e sou o Himalaya dos objetos imóveis.

26-27 – Entre as árvores sou o *ashvattha* (*fícus índica*), dos rishis entre os devas sou Nárada, sou Chitraratha entre os gandharvas, sou Kapila Muni entre os perfeitos. Entre os cavalos sou Uchchasravas, nascido do néctar, entre os nobres elefantes sou Airavata e sou o rei entre os homens.

28-29 – Sou o raio entre as armas, sou kamadhuka entre as vacas, sou a paixão geradora entre as paixões, sou Vasuki entre as serpentes venenosas, sou Ananta entre as cobras, sou Varuna entre os seres aquáticos, sou Aryamana entre os espíritos e sou Yama entre os seres de autocontrole.

30-31 – Dos filhos de Diti, sou Prahlada, entre as medidas sou o tempo, entre as bestas sou o leão e dos pássaros sou Garuda. Dos que se movem rápido sou o vento, sou Rama entre os guerreiros, dos peixes sou o tubarão Makara e entre os rios sou o Ganges.

32-33 – Das manifestações, ó Arjuna, sou o princípio, o meio e o fim; da sabedoria sou o conhecimento do Ser e das controvérsias sou *vada* (argumento construtivo). Do alfabeto sou o "A", sou *dvandva* entre os que juntam as palavras, sou o tempo eterno e o dispensador universal.

34 – Sou a morte, a destruidora de tudo; sou a prosperidade dos futuros ricos e entre as qualidades femininas sou a fama, a abundância e beleza, a clara dicção, a memória, a inteligência, a fortaleza e a clemência.

35 – Da lírica védica sou a grande sama; da métrica, na poesia, sou a gayatri; dos meses sou o agrahayana (Outubro-Novembro) e das estações sou a primavera.

36 – Dos atos fraudulentos sou o jogo; sou a proeza dos valentes, sou a vitória, o empenho e a bondade dos bons.

37 – Sou Vásudeva entre os Vrishnis; sou Dhananjaia entre os Pandavas; sou Vyasa entre os sábios e sou Ushanas entre os poetas místicos.

38 - Sou o látego dos que castigam; sou a tática dos conquistadores; sou o silêncio dos segredos e sou o conhecimento dos conhecedores.

39 – Sou, ó Arjuna, a semente de tudo; não há nenhum ser móvel ou imóvel que possa existir sem Mim.

40 - Ó destruidor dos inimigos, não têm fim Meus atributos divinos. Somente em forma breve detalhei a ti Minhas glórias.

41 - Na realidade tudo que é glorioso, excelente e poderoso, saiba que é produzido de uma fração de Minha divina glória.

42 - Ó Arjuna, de que te servirá conhecer todos estes detalhes? Saiba que Eu existo interpenetrando este universo inteiro com apenas uma parte de Minha existência.

Capítulo XI

A VISÃO DA FORMA UNIVERSAL

1 – Disse Arjuna:
A minha ilusão se desvaneceu pelas profundas palavras sobre o discernimento do Ser, que Tu me disseste por compaixão.

2 - Ó Tu, de olhos de lótus, eu te ouvi falar extensamente sobre a origem e a dissolução dos seres e também sobre Tua glória.

3 - Ó grande Senhor, tudo o que disseste é certo. Ó Suprema Pessoa, tenho o desejo de ver Tua Forma Divina.

4 – Se Te pareces bem, ó Senhor, que eu possa ver-Te então, ó Senhor dos yoguis, mostra-me Teu Ser eterno.

5 – Disse o BENDITO SENHOR:
Ó Partha, veja Minhas centenas e milhares de formas divinas, de diversas cores e figuras.

6 – Veja aos adyitas, aos vasus, aos gêmeos ashwins e aos maruts; veja, ó Bhárata, as diferentes e maravilhosas figuras que jamais foram vistas antes.

7 – Ó Gudakesha, veja hoje ao universo inteiro, com o conjunto de todos os objetos móveis e imóveis, e qualquer outra coisa que queiras ver.

8 – Como não poderás ver-Me com estes teus olhos, te darei o olho divino. Agora, olha Meu supremo poder yóguico.

9 – Disse Sanjaya:
Ó rei, depois de dizer estas palavras, Hari, o grande Senhor da yoga, revelou Sua Suprema Forma Divina à Partha.

10-11 – Com muitas bocas e olhos, apresentando diversos e maravilhosos aspectos, adornado com jóias celestiais, com numerosas armas celestiais

em Suas mãos, vestido com trajes e guirlandas celestiais, ungido de aromáticos ungüentos celestiais, estava o todo-maravilhoso, resplandecente e infinito Senhor, com rostos em todas as direções.

12 – Se a refulgência de mil sóis aparecesse simultaneamente no céu, isto não poderia comparar-se com o esplendor daquela extraordinária forma.

13 – Então, no corpo do Supremo Senhor de tudo, o Pandava viu em conjunto ao universo inteiro, manifestado em múltiplas formas.

14 – Estupefato e estremecido, Dhananjaia juntou as palmas de suas mãos e saudando ao Senhor com uma inclinação de cabeça, disse o seguinte:

15 - Disse Arjuna:
Vejo em Seu corpo todos os seres celestiais e inumeráveis seres de diferentes classes; vejo também à Brahma, o Criador, em Seu assento de lótus e aos rishis (sábios) e as serpentes celestiais.

16 – Te vejo com inumeráveis formas em todas as direções, com múltiplos braços, estômagos, rostos e olhos. Ó Senhor do universo, Ó Oniforme, não vejo nem o fim, nem o meio, nem o princípio de Ti.

17 – Vejo-Te em todas as direções, com Teu diadema, maça e disco, como uma massa de luz resplandecente, deslumbrante, incomensurável e com a refulgência do fogo e do sol.

18 – Tu és o Imperecedouro, o Supremo, o que há de conhecer-se; Tu és a Suprema Meta deste universo; Tu és o imortal guardião da religião eterna; considero-Te como o Ser Primordial.

19 – Vejo que não tens nem princípio, nem meio, nem fim; Tua proeza é infinita, Teus braços são inumeráveis, o sol e a lua são Teus olhos; vejo o fogo ardente em Tua boca e Teu esplendor queima ao universo inteiro.

20 – O espaço entre o céu e a terra está interpenetrado por Ti em todas as direções e olhando esta Tua maravilhosa e terrível forma, estão tremendo de medo todos os seres dos três mundos.

21 – Na verdade em Ti estão entrando todos os devas; alguns deles pelo temor Te estão adorando, juntando suas mãos, enquanto que os grandes sábios e seres perfeitos estão cantando Tua glória com diversos hinos.

22 – Os rudras, adityas, vasus, sádhyas, visvadevas, os gêmeos ashwin, os maruts, manes, gandharvas, yakshas, asuras e siddhas (diferentes classes de seres celestiais), todos estão contemplando com estupefação.

23 – Ó Tu de poderosos braços, vendo Tua incomensurável forma de inumeráveis bocas, olhos, braços, músculos, pés, estômagos e de enormes caninos, todos e eu também estamos aterrorizados.

24 – Ó Vishnu, vendo-Te tocar ao céu e brilhar com diversas cores, com bocas abertas e com grandes olhos de fogo, sinto medo em meu coração, já não tenho paz nem fortaleza.

25 – Vendo Tuas terríveis bocas, com caninos que ardem como o fogo da dissolução do universo, perdi a noção dos pontos cardeais e não tenho paz. Ó Senhor dos devas, Ó refúgio do universo, tenha piedade.

26-27 – Todos os filhos de Dhritarashtra, com hostes de reis, Bhisma, Drona, Karna, o filho do construtor de carruagens e os nossos principais guerreiros, todos estão entrando vertiginosamente em Tuas mandíbulas com terríveis dentes; a alguns deles eu vejo pendurados entre Teus dentes, com suas cabeças trituradas.

28 – Como os caudalosos rios fluem até o oceano, assim estes heróis estão entrando em Tua temível e ardente boca. Ó Vishnu, Teus terríveis raios cobriram com sua radiação ao universo inteiro e o estão queimando.

29 – Como as mariposas se lançam precipitadamente ao fogo só para perecer, assim estes seres estão arrojando-se em Tuas bocas só para serem destruídos.

30 – Devorando a todos em todas as direções com tuas bocas ardentes, Tu estás lambendo os lábios.

31 – Diga-me, quem és Tu, de forma aterradora? Saúdo-te, ó grande Deus, seja propício. Quero conhecer-Te, ó Ser Primordial! Realmente não sei Teu propósito.

32 – Disse o BENDITO SENHOR:
Sou o poderoso Tempo, o destruidor do mundo, aqui estou manifestado para destruí-lo. Mesmo sem ti, nenhum destes guerreiros, formados no campo de batalha, viverão.

33 – Assim que se levante e adquira fama, conquiste à teus inimigos e desfrute de um reino florescente. Todos eles já foram mortos apenas por Mim, ó Savyasachin (que maneja ao arco com as duas mãos, Arjuna), seja simplesmente Meu instrumento.

34 – Mate à Bhisma, Drona, Karna, Jayadratha e aos outros; todos eles foram mortos por Mim, não te aflijas, ganharás de teus inimigos na batalha.

35 – Disse Sanjaya:
Ouvindo estas palavras de Keshava, Arjuna saudou tremendo a Sri Krishna juntando suas mãos e inclinando-se de novo, disse o seguinte:

36 – Disse Arjuna:
É muito apropriado, ó Hrishikesha, que o mundo se deleite em Tua glória e que seja atraído por Ti; também é apropriado que os demônios se espantem em todas as direções e que todos os seres perfeitos se ajoelhem diante de Ti.

37 – E porque não iriam saudar-Te, ó Grande Alma, superior à Brahma, o criador? Ó Ser infinito, Senhor dos devas, Morada do universo; Tu és o Imperecedouro; Tu és o manifestado, o não-manifestado e o que está além de ambos.

38 – Tu és o Deus Primordial, o Ser Primário; Tu és o supremo repositório do universo. Tu és o conhecedor, o que deve ser conhecido e a Meta Suprema. Ó Oniforme, este universo está interpenetrado por Ti.

39 – Tu és o Deus do ar, da morte, do fogo, da água e da lua; Tu és o protetor dos seres; Tu és o bisavô de todos. Saúdo-Te, saúdo-Te repetidas vezes, milhares de saudações a Ti.

40 – Ó Tudo! Saúdo-Te de frente, por trás, de todos os lados. Tu, de infinito poder e valor, interpenetras tudo, por isso Tu és tudo.

41-42 – Tudo o que Te disse como um presunçoso, por descuido ou por carinho, chamando-Te de Krishna, Yadava ou amigo, qualquer ofensa que tenha cometido, ó Achyuta (imperecedouro), de brincadeira ou jogando, enquanto caminhava, descansava, estava sentado ou na mesa na hora de comer, sozinho ou em companhia de outros, Te imploro, Ó Incomensurável, que me perdoes.

43 – Tu és o pai dos seres móveis e imóveis deste mundo; Tu és o Adorável, superior aos superiores, nos três mundos não há ninguém igual a Ti ou que Te possa superar, ó Tu, de poder incomparável!

44 – Por isso, prosternando-me em adoração Te peço perdão, ó Senhor Adorável! Como o pai perdoa ao filho, o amigo ao seu amigo, o que ama ao seu amado, assim, ó Senhor, Tu deves perdoar-me.

45 – Estou repleto de felicidade por haver visto o que jamais havia visto antes, no entanto minha mente continua agitada pelo medo. Mostra-me a Tua outra forma. Ó Deus dos deuses! Ó Morada do universo! Tenha piedade.

46 – Ó Oniforme, com milhares de braços, toma de novo Tua forma de quatro braços, quero Te ver com o diadema, a maça e o disco.

47 – Disse o BENDITO SENHOR:
Por Minha graça te mostrei, através de Meu poder yóguico, ó Arjuna, esta Minha forma, resplandecente, universal, infinita e primordial. Esta forma jamais foi vista por ninguém antes de ti.

48 – Neste mundo dos mortais, nem pelo estudo dos Vedas, nem pelos yagñas, nem por caridades ou cultos, nem pelas práticas de austeridades, é possível ver esta Minha forma. Só tu a viste, ó grande herói dos Kurús!

49 – Vendo esta Minha terrível forma, não temas nem fiques aturdido. Abandone o medo e com a mente alegre, veja-Me agora como Eu era antes.

50 – Disse Sanjaya:
Dizendo à Arjuna estas palavras, Vasudeva (Sri Krishna) de novo lhe mostrou Sua antiga forma. O Grande Ser, tomando de novo Sua bendita forma, alegrou ao atemorizado Arjuna.

51 – Disse Arjuna:
Ó Janardana, vendo esta Tua benigna e humana forma, me sinto bem agora e voltei ao meu estado normal.

52 – Disse o BENDITO SENHOR:
Realmente é muito difícil ver esta Minha forma que tu viste. Mesmo os devas anseiam ver esta forma.

53 – Nem pelo intermédio dos Vedas, nem pelas austeridades, nem pelos cultos, é possível ver-Me na forma em que tu Me viste.

54 – Mas, ó fulminador dos inimigos, ó Arjuna, só pela firme devoção é possível conhecer-Me, ver-Me realmente e submergir-Se em Mim.

55 – Ó Pandava, aquele que trabalha para Mim, que Me tem como sua Meta Suprema, que está dedicado a Mim, que é desapegado e não é inimigo de ninguém, chega a Mim.

Capítulo XII

O CAMINHO DA DEVOÇÃO

1 – Disse Arjuna:

Entre os devotos que Te adoram com devoção constante e aqueles que adoram ao Imperecedouro, ao Não-manifestado, quem são mais versados na yoga?

2 – Disse o BENDITO SENHOR:
Considero melhores yoguis a aqueles que Me adoram com a mente fixa em Mim, firmes em sua devoção e dotados de suprema fé.

3-4 – Mas aqueles que controlando seus sentidos, sendo equânimes e fazendo bem a todos, adoram ao Imperecedouro, Não-manifestado, Indefinível, Onipresente, Inconcebível, Imutável e Eterno, também chegam a Mim.

5 – É maior a dificuldade dos que são adictos do Não-manifestado, porque para os encarnados o caminho ao Não-manifestado é muito difícil de alcançar.

6-7 – Em troca, ó Partha, os que Me oferecem todas suas ações, que estão entregues a Mim, que Me adoram e meditam em Mim com devoção firme, a eles que estão concentrados em Mim, Eu os liberto logo deste oceano de existência transmigratória.

8 – Fixa tua mente somente em Mim, coloca teu intelecto em Mim e sem dúvida viverás em Mim.

9 – Se não podes fixar tua mente firmemente em Mim, então, ó Dhananjaia, trata de chegar a Mim pelo *abhyasa yoga* (prática diária da constante recordação).

10 – Se não consegues fazer o abhyasa, então dedique a Mim tuas ações e assim atuando para Mim, te libertarás.

11 – Se mesmo isto for difícil para ti, refugia-te em Mim e dominando-te renuncia ao fruto de todas tuas ações.

12 – Sem dúvida, o conhecimento é superior ao mero abhyasa; a meditação é superior ao conhecimento e a renúncia ao fruto da ação é melhor que a meditação, porque pela renúncia logra-se imediatamente a Paz.

13-14 – Aquele que não inveja a ninguém, o amigo e compassivo por todos, aquele que não é possessivo nem egoísta, que simpatiza com todos no prazer e na dor, o clemente, o sempre satisfeito, contemplativo, auto-dominado, aquele que tem convicção firme e Me dedicou seu intelecto e sua mente, este Meu devoto, é Meu querido.

15 – Aquele que não perturba ao mundo e a quem o mundo não pode perturbar, que está livre do prazer, da inveja, do medo e da ansiedade, é Meu querido.

16 – O devoto que é independente, puro, indiferente, tranqüilo e renuncia a toda nova empresa, é Meu querido.

17 – Aquele que não se regozija nem se desgosta, nem se lamenta, nem tem desejos, que renuncia ao bem e ao mal e é muito devotado, é Meu querido.

18-19 – Aquele que é igual com o amigo e o inimigo, na honra e na desonra, no calor e no frio, na alegria e na tristeza, no elogio e na censura, que é desapegado e silencioso, que está satisfeito com qualquer coisa, que não tem lar e tem a mente firme, é Meu querido.

20 – Aqueles que praticam com fé esta religião imortal e Me consideram como a Meta Suprema, estes devotos são Meus queridos.

Capítulo XIII

O DISCERNIMENTO ENTRE A NATUREZA E A ALMA

1 – Disse o BENDITO SENHOR:
Este corpo é chamado *kshetra* (literalmente, a terra; nele brotam todos os conceitos, bons e maus) e os sábios chamam *kshetragña* ao conhecedor deste kshetra.

2 – Ó Bhárata, saiba que Eu sou o kshetragña de todos os corpos. Segundo Minha opinião, o conhecimento a respeito do kshetra e kshetragña é o verdadeiro conhecimento.

3 – O que é o kshetra? Como ele é? Quais são suas modificações? De onde ele surge e que formas tem? E também, o que é o kshetragña e quais são os seus poderes? Ouve o que direi sobre eles, em forma breve.

4 – Esta verdade foi cantada, de diversas maneiras, pelos rishis (sábios) em diferentes hinos védicos e também nas passagens referentes à Brahman e que estão cheias de frases razoáveis e convincentes.

5-6 – Os cinco grandes elementos, o ego, o intelecto, a natureza não-manifestada, os dez órgãos, a mente, os cinco objetos dos sentidos, o desejo, a aversão, a alegria, o sofrimento, o corpo, a inteligência e a fortaleza, tudo isto, em forma breve, é o kshetra com suas modificações.

7-11 – A humildade, a não-ostentação, o não causar dano, a clemência, a retidão, o serviço ao guru (mestre espiritual), a pureza, a firmeza, o autodomínio, o desapego aos objetos dos sentidos, a ausência de egoísmo, a reflexão sobre os males do nascimento, da morte, da velhice, da enfermidade e da dor, o desapego e a não-identificação com o filho, com a esposa, com o lar, etc., o constante equilíbrio mental na felicidade e no sofrimento, a firme devoção por Mim, mediante a yoga da continuidade, a vida em solidão, a aversão à sociedade, a constante dedicação ao conhecimento espiritual e à percepção da suprema verdade; tudo isto é conhecimento e o seu contrário é ignorância.

12 – Eu lhe falarei sobre o que deve ser conhecido, conhecendo o qual se torna imortal: é o Supremo Brahman, que não tem princípio e não é chamado de Ser ou de não-Ser.

13 – Aquele existe interpenetrando tudo; Suas mãos, pés, olhos, cabeças, bocas e ouvidos estão em toda parte.

14 – Está manifestado nas funções dos sentidos, no entanto, não tem órgãos dos sentidos; é inconexo, mas suporta a tudo e apesar de não ter atributos, os experimenta.

15 – Está dentro e fora de todos os seres, é móvel e imóvel, sendo sutil é incompreensível e ainda que esteja longe, é o mais próximo.

16 – É indivisível, mas parece estar individualmente em todos os seres; se deve conhecê-Lo como o suporte de todos os seres e também como o que dá origem e o devorador de todos eles.

17 – É a luz das luzes e se diz que está além das trevas. É o conhecimento, o que deve ser conhecido, a meta dos conhecimentos e está no coração de todos os seres.

18 – Eu lhe falei brevemente sobre o kshetra, o conhecimento, o que deve ser conhecido. Conhecendo isto Meu devoto se prepara para chegar ao Meu Ser.

19 – Saiba que a *prakriti* (a natureza psicofísica) e o *Purusha* (o Ser), ambos são sem princípio e também saiba que todas as modificações e qualidades nascem da prakriti.

20 – Se diz que a prakriti é a causa do corpo e dos sentidos e que o Purusha é a causa da experiência do prazer e da dor. (O Purusha e a prakriti, em conjunto causam a existência fenomenal. A prakriti se transforma no corpo, sentidos, prazeres, dores, etc. Esta união, feita é claro, na ignorância por parte do Purusha, faz possível a existência

relativa; o Purusha, na realidade, jamais perde sua natureza pura e imutável.)

21 – O Purusha, encarnado na prakriti, experimenta os *gunas* (qualidades) nascidos dela. O apego a estes gunas é a causa dos nascimentos do Purusha em ambientes bons ou maus.

22 – O Supremo Purusha neste corpo é denominado de Testemunha, Aprovador, Suporte, Experimentador, Soberano Senhor e Supremo Ser.

23 – Aquele que assim conhece ao Purusha e a prakriti com seus gunas, não nasce de novo (nem sofre as conseqüências), qualquer que seja seu modo de vida.

24 – Existem aqueles que pela meditação percebem intimamente ao Ser; outros O percebem pela prática do discernimento (entre o Real e o relativo); outros pela yoga e outros pela karmayoga (ação abnegada).

25 – Enquanto que outros, sem ter direto conhecimento desses caminhos, fazem a adoração segundo o que ouvem de outras pessoas (sábias); também eles vão além da morte (se libertam) porque escutam com devoção (e em seguida praticam o que escutaram).

26 – Ó tu, o melhor dos Bháratas, saiba que todo ser, animado e inanimado, procede da união do kshetra e do kshetragña.

27 – Aquele que vê ao Supremo Senhor residindo igualmente em todos os seres, que vê ao Imperecedouro nos objetos perecedouros, só ele vê corretamente.

28 – Porque vendo que o Senhor mora igualmente em toda parte, ele não causa dano a seu próprio Ser e logra a Meta Suprema. (Causar dano significa ignorar a existência do Ser.)

29 – Aquele que vê (conhece) que só a prakriti age e que o Purusha não faz nada, só ele vê corretamente.

30 – Quando vê que os diversos seres evolucionam da prakriti, que é única, e que eles residem nela, se identifica com Brahman.

31 - Este Supremo Ser que não tem nem princípios, nem atributos, é o Imutável. Ainda que more no corpo, ó Kounteya, Ele não atua nem tem apego.

32 – Como o onipresente espaço é sutil e não se contamina, assim o Ser que está em todos os corpos, não é contaminado por eles.

33 – Como o sol, que é único, ilumina ao universo inteiro, assim o Ser, ainda que esteja encarnado, ilumina todos os corpos.

34 – Aqueles que, com o olho do conhecimento, percebem a diferença entre o kshetra e o kshetragña e também conhecem o modo de liberar-se da prakriti, alcançam o Supremo.

Capítulo XIV

O DISCERNIMENTO SOBRE OS TRÊS GUNAS

1 – Disse o BENDITO SENHOR:
Falarei a ti de novo sobre o Conhecimento Supremo, conhecendo o qual, os sábios lograram a perfeição depois da morte.

2 – Os sábios dedicados a este conhecimento, quando chegam ao Meu Ser, não renascem no momento da criação, nem sofrem no momento da dissolução.

3 – A grande prakriti é Minha matriz, nela eu coloco o germe e dela, ó Bhárata, nascem todos os seres.

4 – Ó Kounteya, a prakriti é a verdadeira matriz de todas as coisas que nascem de distintas matrizes e Eu sou o germinador paterno.

5 – *Sattva, rajas e tamas*, estes três *gunas* (aspectos ou qualidades) nascidos da prakriti, ó tu de poderosos braços, atam fortemente o ser encarnado ao corpo.

6 – Deles, *sattva* que é puro, luminoso (ajuda ao conhecimento) e bom, ata ao ser encarnado, ó impecável, mediante o apego à felicidade e ao conhecimento.

7 – Ó Kounteya, saiba que *rajas* é de natureza passional e é a fonte do desejo e do apego; este *guna* ata fortemente o ser encarnado à ação.

8 – Ó Bhárata, saiba que *tamas* nasce da ignorância e alucina a todos os seres; ele ata ao ser encarnado mediante a negligência, preguiça e sono.

9 – Ó Bhárata, *sattva* o ata à felicidade, *rajas* à ação, enquanto que *tamas*, cobrindo ao conhecimento, o ata pela falta de compreensão.

10 – Ó Bhárata, sattva predomina, às vezes, sobre rajas e tamas; outras vezes rajas predomina sobre tamas e sattva; e também tamas se destaca quando domina à sattva e rajas.

11 – Quando o conhecimento brilha através dos sentidos, deve-se considerar que sattva predomina.

12 - Quando prevalece a cobiça, a atividade, o conceito de novos empreendimentos, a intranqüilidade e o desejo então, ó Bhárata, rajas predomina.

13 – E quando tamas predomina, ó Kounteya, prevalece a escuridão mental, a inércia, a negligência e a alucinação.

14 – Se o ser encarnado morre quando sattva predomina, então vai às esferas dos devotos que ao Mais Elevado (Deus em Seu aspecto cósmico).

15 – Se no momento de morrer predomina o rajas, ele nasce entre as pessoas adictas à ação e se tamas predomina, nasce entre os seres que não raciocinam.

16 – Se diz que o fruto da boa ação é sáttvico e puro; o de rajas é sofrimento e o de tamas é ignorância.

17 – De sattva nasce a sabedoria; de rajas a cobiça e de tamas a incompreensão, a ilusão e a ignorância.

18 – Os seres de temperamento sáttvico se elevam (às esferas superiores; se liberam progressivamente); os rajásicos ficam no meio (renascem em corpo humano) e os tamásicos vão abaixo (nascem como seres inferiores).

19 – Quando o sábio vê (conhece) que só os gunas atuam e conhece Aquele que está além dos gunas, então chega ao Meu Ser.

20 – Transcendendo aos três gunas que causam este corpo, o ser encarnado se libera do nascimento, da morte, da velhice e do sofrimento e torna-se imortal.

21 – Disse Arjuna:
Ó Senhor, quais são os sinais pelos quais é conhecido aquele que transcendeu aos gunas? Qual é sua conduta e como transcende aos três gunas?

22 – Disse o BENDITO SENHOR:
Ó Pandava, aquele que não se opõe ao surgimento de conhecimento, da atividade ou da alucinação e tampouco os deseja quando não surgem;

23 – Aquele que permanece indiferente e não é perturbado pelos gunas, que realizou que só os gunas funcionam e permanece firme, sem vacilar;

24-25 – Aquele que se sente igual no prazer e na dor, que mora em seu próprio Ser, que dá valor igual a um pedaço de argila, a uma pedrinha ou a uma pepita de ouro; que se mantêm equânime diante do agradável e do desagradável, diante da censura ou do elogio, na honra ou na desonra, diante do amigo ou do inimigo e que renunciou a todo novo empreendimento, transcendeu aos gunas.

26 – Aquele que serve apenas a Mim, com a firme yoga da devoção, transcende aos gunas e é digno do estado de Brahman.

27 – Porque Eu sou a personificação de Brahman, do Imortal, do Imutável, da Religião Eterna e da Bem-aventurança Absoluta.

Capítulo XV

O CAMINHO À SUPREMA PESSOA

1 – Disse o BENDITO SENHOR:
Falam da eterna árvore *ashvattha*, cujas raízes vão para cima e seus ramos vão para baixo; suas folhas são os Vedas. Aquele que conhece isto é o conhecedor dos Vedas. (Krishna está falando em forma alegórica sobre este mundo, comparando-o com a árvore ashvattha que literalmente significa transitória. A raiz, que vai para cima, é a Suprema Pessoa e o resto da árvore, que se dirige para baixo, é o nosso universo de nascimento e morte. Os Vedas, que com seus mandamentos e proibições protegem aos homens, são comparados com as folhas.)

2 – Nutridas pelos gunas, seus ramos se estendem para cima e para baixo, os objetos dos sentidos são os brotos e as finas raízes, que se dirigem para baixo, originam as ações no mundo.

3-4 – Aqui neste mundo não se percebe sua forma (desta árvore eterna), nem seu princípio, nem seu fim, nem sua continuidade. Depois de cortar esta árvore, que está profundamente enraizada, com o machado do desapego e dizendo: “Tomo refúgio naquele primordial Ser, de Quem surgiu este processo eterno”, deve-se buscar a Meta, logrando a qual, cessa o renascimento.

5 – Livre da vaidade e ilusão, vencendo o mal do apego, sempre dedicado às coisas espirituais, completamente afastado dos desejos e dos pares de opostos, chamados de prazer e dor, o sábio, livre da ilusão, alcança a eterna Meta.

6 – Nem o sol, nem a lua, nem o fogo podem iluminar a esta Meta que é Meu Supremo Estado; quando é alcançado não se regressa mais (não renasce).

7 – Na realidade uma parte de Mim se transformou no ser encarnado, o qual atrai para si mesmo aos cinco sentidos e à mente, o sexto; todos eles permanecem na prakriti.

8 – Quando o Senhor (o Ser) toma um corpo ou o deixa, Ele se associa com os seis sentidos ou os abandona e se vai como a brisa que leva consigo o perfume das flores.

9 – Dirigindo os ouvidos, os olhos, os órgãos do tato, gosto e olfato e também a mente, Ele experimenta aos objetos dos sentidos.

10 – Os ignorantes, alucinados, não O vêem quando Ele toma um corpo, o deixa ou faz as experiências associando-se com os gunas; em troca os que têm os olhos da sabedoria, O vêem.

11 – Os yoguis que se esforçam para lograr a perfeição O vêem morando em seu coração, em troca, os descuidados homens sem controle, apesar de seus esforços, não O vêem.

12 – Saiba que a luz do sol que ilumina ao universo, a luz da lua e do fogo, é Minha luz.

13 – Transformando-Me na lua aquática, com Minha energia entro na terra e assim sustento a todos os seres e nutro as ervas. (Se diz que a lua é o repositório de todos os fluidos vitais.)

14 – Residindo nos corpos dos seres como vaishvánara (fogo digestivo), associado com o prana e apana, digiro os quatro tipos de comida (que se mastigam, chupam, lambem e bebem).

15 – Eu resido no coração de todos os seres, de Mim se originam a memória, a percepção e também a perda delas. Eu sou o único que deve conhecer-se dos Vedas; sou o autor do sistema Vedanta e sou o conhecedor dos Vedas.

16 – Neste mundo há duas classes de purushas (seres): perecedouros e imperecedouros; todos os seres são perecedouros, só o Imutável é o Imperecedouro.

17 – Distinto de ambos é o Supremo ser, conhecido como o Paramátman, o Imutável, que entrando nos três mundos os sustenta.

18 – Como Eu transcendo ao perecedouro e supero ao Imperecedouro, sou chamado neste mundo e nos Vedas como Purushottama (a Suprema Pessoa).

19 – Ó Bhárata, aquele que estando livre da ilusão, conhece a Mim deste modo, como o Supremo Ser, e Me adora de todas as maneiras se torna onisciente.

20 – Ó impecável, assim foi exposta por Mim esta profunda doutrina; conhecendo-a torna-se sábio e um bom cumpridor dos deveres.

Capítulo XVI

OS ATRIBUTOS DIVINOS E DEMONÍACOS

1-3 – Disse o BENDITO SENHOR:
Ó Bhárata, pertencem a aquele que nasce com a natureza divina os seguintes atributos: mente sem medo, pureza de coração, constância nas práticas de yoga e conhecimento, caridade, autodomínio, inclinação para fazer os atos de sacrifício, estudo dos textos sagrados, austeridade, retidão, não ferir ninguém, veracidade, não ter raiva, abnegação, calma, não caluniar, compaixão, não cobiçar, delicadeza, modéstia, firmeza de propósito, intrepidez, fortaleza, pureza e ausência de ódio e presunção.

4 – Ó Partha, os atributos seguintes: ostentação, arrogância, vaidade, ira, vulgaridade e ignorância, pertencem ao homem de temperamento demoníaco.

5 – Os atributos divinos conduzem ao homem à liberação e os demoníacos à escravidão. Não te lamentes, ó Pandava, tu nasceste com natureza divina.

6 – Existem dois tipos de seres neste mundo: os divinos e os *asuras* (demoníacos). Os divinos já foram descritos amplamente. Agora Me ouça, ó Partha, sobre os asuras.

7 – Os homens asurícos não sabem o que devem fazer nem o que não devem fazer; neles não se encontra nem a pureza, nem a boa conduta, nem a verdade.

8 – Eles opinam que neste universo não há verdade, nem moralidade, nem Deus; o mundo, segundo eles, é o produto da união carnal.

9 – Sustentando este conceito, estas pessoas ruins, de pouca inteligência e de ações ferozes, vivem como inimigas do mundo, só para a destruição.

10 - Cheias de desejos insaciáveis, de hipocrisia e arrogância, como ignorantes, estas pessoas de idéias daninhas, trabalham por objetivos impuros.

11-12 – Impelidos por profundas preocupações que só terminam com a morte, considerando ao gozo sexual como o máximo e convencidos de que este é tudo, atados por centenas de correntes de esperança, dedicados à luxuria e presa fácil da ira, estes seres se esforçam por lograr grandes fortunas por meios ilícitos, só para o gozo sensório.

13 – "Isto eu ganhei hoje; agora eu irei conseguir este objeto de meu desejo; esta fortuna é minha e aquela será minha também."

14 – "Matei a este inimigo, matarei a outros também; sou o senhor; desfruto, tenho êxito, poder e felicidade."

15-16 – "Sou rico e bem nascido. Quem pode se igualar a mim? Farei cultos e caridade; regozijarei-me." Assim alucinadas pela ignorância, aturdidas por fantasias, cobertas por uma rede de ilusões, adictas do prazer sexual, estas pessoas caem no impuro inferno.

17 – Envaidecidos, arrogantes, vaidosos, embriagados de riqueza, estes seres fazem os cultos só por aparência, por pura ostentação e não fazem caso dos mandamentos.

18 – Possuídos pelo egotismo, poderio, insolência, concupiscência e cólera, estes seres malignos Me odeiam em suas pessoas e nas outras.

19 – Lanço perpetuamente a eles, os malvados, cruéis e degradados, aos ventres asúricos, para que nasçam nestes mundos.

20 – Ó Kounteya, essas pessoas alucinadas vão para as matrizes demoníacas durante muitas vidas e continuam a cair em corpos cada vez mais inferiores.

21 – Tríplice é a porta deste inferno destruidor, está feita de luxúria, ira e cobiça, por isso devem ser abandonadas.

22 – Ó Kounteya, aquele que foi além destas portas escuras e pratica o que é bom para si mesmo, alcança a Meta Suprema.

23 – Aquele que desobedece aos mandamentos dos textos sagrados e atua pelo impulso dos desejos, não logra a perfeição, nem a felicidade, nem a Meta Suprema.

24 – Assim que, certifique-se pelos textos sagrados sobre os deveres e proibições. Conhecendo bem seu significado, atue neste mundo conforme os mandamentos.

Capítulo XVII

AS TRÊS CLASSES DE SHRADDHA

1 – Disse Arjuna:
Ó Krishna, a *shraddha* daqueles que fazem os cultos e adorações sem obedecer aos mandamentos é sáttvica, rajásica ou tamásica? (Shraddha é a atitude mental composta de sinceridade, reverência, humildade e fé)

2 – Disse o BENDITO SENHOR:
A shraddha que trazem, segundo sua natureza, os seres encarnados é tríplice: sáttvica, rajásica e tamásica. Ouve o que te direi sobre isto.

3 – Ó Bhárata, a shraddha de cada pessoa é de acordo com sua constituição; o homem é o produto de sua shraddha, ele reflete sua shraddha.

4 – Os homens sáttvicos adoram aos devas (seres celestiais), os rajásicos aos *yakshas* e *rakshasas* (seres com poderes sobrenaturais) e os tamásicos aos espíritos e aos elementos.

5-6 – Os homens que praticam severas austeridades não recomendadas pelas escrituras, só por ostentação e egoísmo, estes apegados e concupiscentes, desprovidos de sensatez, torturam a todos os órgãos do corpo e a Mim também, que moro dentro do corpo. Conheça-os, são de propósitos demoníacos.

7 – Também é tríplice sua alimentação, cultos, caridades e austeridades. Ouve de Mim quais são suas diferenças.

8 – Os sáttvicos gostam dos alimentos que aumentam a vitalidade, energia, força, saúde, felicidade, apetite e que são saborosos, oleaginosos, que sustentam e agradáveis.

9 – Os alimentos preferidos pelos rajásicos são os amargos, ácidos, salgados, muito quentes, picantes, secos e ardentes; os que produzem pesar, sofrimento e enfermidade.

10 – Os alimentos preferidos pelos tamásicos são os insossos, quase decompostos, mal-cheirosos, restos do dia anterior, comida fria e alimentos impuros.

11 – O *yagña* sáttvico é feito segundo os mandamentos, concentrando-se no culto, só pelo culto, por homens que não desejam o resultado.

12 – Ó tu, o melhor dos Bháratas, o *yagña* rajásico é feito por ostentação e desejando os frutos (o mérito).

13 – O *yagña* tamásico é feito contra os mandamentos, sem fé, sem os *mantras* (fórmulas religiosas), sem repartir alimentos (aos pobres) e sem oferecer seu óbolo (aos sacerdotes).

14 – A austeridade corpórea consiste na adoração dos devas, dos brahmins, dos preceptores espirituais e dos sábios; na pureza, retidão, continência e em não ferir a ninguém.

15 – A austeridade verbal consiste em falar claramente, que não produz nenhuma preocupação, na veracidade, no modo agradável e benéfico de falar e na leitura diária dos textos sagrados.

16 – A austeridade mental consiste na serenidade, piedade, silêncio, autocontrole e pureza de coração.

17 – Esta tríplice austeridade, praticada com fé pelo homem que não deseja mérito, é considerada como sáttvica.

18 – A austeridade rajásica é passageira, pouco durável, é a que as pessoas praticam por ostentação, para ganhar respeito, honra e reverência.

19 – A austeridade tamásica é que é feita de forma ignorante, causando sofrimento ou com o desejo de ferir ao próximo.

20 – A caridade sáttvica se faz como um dever, sem a idéia de retribuição, no devido momento e lugar, a uma pessoa que a merece.

21 – A caridade rajásica se faz esperando recompensa, mérito ou de má vontade.

22 – A caridade tamásica se faz no momento inoportuno, no lugar indevido, a uma pessoa que não a merece e com desdém.

23 – "OM TAT SAT" (OM, Aquilo existe) foi declarado como a tríplice denominação de Brahman (O Supremo). Desta fórmula surgiram os

Brahmanas (explicações dos cultos védicos), os Vedas e os yagñas, no remoto passado.

24 – Por isso, os que seguem os mandamentos védicos, pronunciam "OM" antes de começar seus yagñas, caridades e austeridades.

25 – Os que buscam *moksha* (emancipação espiritual) pronunciam "TAT" (Aquilo), antes de fazer os yagñas, caridades e austeridades; eles não desejam nenhum mérito por estas ações.

26 – A palavra "SAT", ó Partha, é usada no sentido da Realidade, da bondade e também para os atos auspiciosos.

27 – Também se pronuncia a palavra "SAT" para lograr constância no yagña, nas austeridades, na caridade e em todos os atos feitos indiretamente para o Senhor.

28 – Qualquer ato, ó Partha, seja o yagña, a caridade ou a austeridade, se é feito sem shraddha (a fé) é considerado como "Asat" (inexistente, não foi corretamente feito) e não dá fruto aqui nem no além.

<u>Capítulo XVIII</u>

O CAMINHO DA RENÚNCIA

1 – Disse Arjuna:
Ó Hrishikesha! Ó destruidor do demônio Keshi! Ó tu de poderosos braços! Quero saber a verdadeira natureza do *sannyasa* e do *tyaga* também.

2 – Disse o BENDITO SENHOR:
Os sábios opinam que sannyasa significa a renúncia aos atos que se fazem buscando o mérito e tyaga, segundo eles, é renunciar aos frutos de todo tipo de ação.

3 – Certos pensadores declaram que, como todas as ações são más, se deve abandoná-las, enquanto que outros opinam que não se deve renunciar aos cultos e às práticas de caridade e austeridade.

4 – Ó melhor dos Bháratas, ouve de Mim a última verdade sobre a renúncia aos frutos das ações, porque, ó melhor dos homens, se diz que esta renúncia é de três tipos.

5 – Não se deve renunciar ao culto, à caridade e à austeridade, porque estes atos purificam o coração do sábio.

6 – No entanto estes atos devem ser feitos sem apego aos frutos, esta é Minha definitiva e correta opinião.

7 – Tampouco é correta a renúncia dos atos obrigatórios (recomendados pelas escrituras). Este tipo de renúncia feito pela confusão mental é considerado com tamásico.

8 – Considerando-o incômodo e temendo ao sofrimento físico, se alguém abandona os atos recomendados, então, por esta renúncia rajásica, não logra seu fruto (a emancipação final).

9 – Ó Arjuna, a renúncia é sáttvica quando se cumpre o ato obrigatório como um dever, com desapego e sem desejar seu fruto.

10 – O homem de renúncia dotado de sattva (serenidade), de compreensão firme e cujas dúvidas desapareceram, não se aborrece com o trabalho desagradável nem anseia ao agradável.

11 – O ser corpóreo não pode abandonar todas as ações, mas aquele que renuncia ao fruto da ação é considerado como homem de renúncia.

12 – Os frutos das ações são de três tipos: desagradáveis, agradáveis e uma mistura de ambos. Estes frutos se aderem, após a morte, a aquele que não os renunciou, mas não ao homem de renúncia.

13 – Aprende de Mim, ó tu de poderosos braços, sobre estas cinco causas relacionadas com o cumprimento das ações, segundo a mais alta sabedoria, que é o fim de toda ação.

14 – O corpo, o ego, os órgãos, as funções e as deidades que presidem os órgãos, estas são as cinco causas. (Aditya, ou sol, preside os olhos, Indra, os braços, etc.)

15 – Qualquer ato devido ou indevido, seja físico, verbal ou mental, tem essas cinco causas.

16 – Sendo assim o caso, aquele que pela defeituosa compreensão considera ao Atman (o Ser), ao Absoluto como agente, este néscio não vê a realidade.

17 – Aquele que está livre do conceito do ego, cujo entendimento não está afetado (pelo apego), ainda que mate aos seres, na realidade não mata à ninguém e não fica ligado (pelo resultado da ação).

18 – O conhecimento, o que há para conhecer-se e o conhecedor formam o tríplice impulso da ação; o instrumento (os órgãos), o objeto e o agente formam a base tríplice da ação.

19 – Sobre a ciência dos gunas (qualidades), o sistema *samkhya* declara que segundo o guna, diferem os conhecimentos, as ações e os agentes. Ouve com atenção.

20 – Pelo conhecimento sáttvico se percebe (finalmente) em todos os seres (manifestados) que estão separados, à única substância imutável e imperecedoura.

21 – Pelo conhecimento rajásico vê-se que os distintos seres são entidades separadas.

22 – O conhecimento tamásico é irracional, trivial e não está baseado na verdade; esse conhecimento está limitado a um só efeito, ao qual apresenta como a totalidade do fato.

23 – A ação sáttvica é a recomendada pelas escrituras, que se faz sem apego, nem atração, repulsão ou ansiedade pelo fruto.

24 – A ação rajásica se faz desejando o fruto, por ostentação e com demasiado esforço.

25 – A ação tamásica se faz sob ilusão, descuidando da conseqüência, da perda, da capacidade e do dano que possa causar.

26 – O agente sáttvico é aquele que não tem apego ou egoísmo, que possui fortaleza e entusiasmo e que não é afetado pelo êxito ou pelo fracasso.

27 – O agente rajásico é interesseiro, ansioso pelo fruto da ação, ambicioso, malicioso, impuro e sujeito à súbita alegria ou tristeza.

28 – O agente tamásico é inconstante, vulgar, arrogante, desonesto, malévolo, indolente, sem ânimo e preguiçoso.

29 – Ó Dhananjaia, ouve sobre a tríplice distinção, segundo os gunas, sobre o intelecto e a firmeza, a qual lhe explicarei separada e amplamente.

30 – Ó Partha, o intelecto sáttvico conhece os caminhos recomendados e proibidos da ação e da renúncia, conhece ao medo e também ao estado sem medo, a escravidão e a liberação.

31 – Ó Partha, o intelecto rajásico não tem conceito claro sobre a retidão, a perversidade, a ação recomendada e a ação proibida.

32 – O intelecto tamásico, ó Partha, está coberto pela ignorância; considera a perversidade como retidão e interpreta ao contrário todos os conceitos.

33 – A firmeza sáttvica, ó Partha, é apoiada pelo yoga e controla as funções da mente, dos *pranas* (forças vitais) e dos órgãos dos sentidos.

34 – A firmeza rajásica, ó Partha, regula a mente a respeito do dever, do prazer, da riqueza e do desejo de lograr o fruto da ação pelo apego.

35 - A firmeza tamásica, ó Partha, não permite ao néscio afastar-se do sono, do medo, do pesar, do desalento e da soberba.

36-37 – Agora ouve de Mim, ó melhor dos Bháratas, sobre a tríplice felicidade. A felicidade sáttvica é a que se desfruta por longa prática, que acaba com todo o pesar; essa felicidade nasce do entendimento e da serenidade, é desagradável ao princípio como veneno (fel) e ao final é como um néctar.

38 – A felicidade rajásica surge do contato entre o objeto e o órgão do sentido; no princípio é agradável como néctar, mas ao final se torna desagradável como veneno.

39 – A felicidade tamásica decepciona ao homem do princípio ao fim e surge do sono, da torpeza e da negligência.

40 – Não existe ser no mundo ou *deva* no céu que esteja livre destes três gunas que nascem da prakriti.

41 – Ó destruidor dos inimigos, os deveres dos brahmins, kshatriyas (guerreiros), vaishyas (comerciantes) e sudras (trabalhadores) são distribuídos segundo os gunas nascidos de suas respectivas naturezas.

42 – Os deveres naturais dos brahmins são: controle da mente e dos sentidos, austeridade, pureza, clemência, retidão, conhecimento das escrituras, realização da verdade e a crença na existência divina.

43 – Os deveres naturais dos kshatriyas são: heroísmo, intrepidez, firmeza de caráter, destreza, não fugir ao combate, generosidade e fidalguia.

44 – Os naturais do vaishya são: agricultura, criação de gado e comércio; os do sudra são: trabalho manual e servidão.

45 – O homem alcança a mais alta perfeição quando se dedica a cumprir com o dever que lhe corresponde. Agora ouve de Mim como se logra esta perfeição.

46 – Se atinge a perfeição quando, cumprindo com seu dever, adora a Aquele de quem se originou a atividade de todos os seres e que interpenetra tudo isto (o universo).

47 – Ainda que seja de forma deficiente, é melhor cumprir o próprio dever que o dever alheio. Cumprindo seu próprio dever ninguém comete pecado.

48 – Ó Kounteya, ainda que esteja associado com defeitos, ninguém deve abandonar o dever que lhe corresponde por seu nascimento. Toda ação está coberta por algum defeito, como o fogo pela fumaça.

49 – Aquele cuja compreensão está sempre desapegada, cuja mente está controlada, que pela renúncia se liberou dos desejos, logra o supremo estado da inação (a ação abnegada).

50 – Ó Kounteya, de forma concisa lhe direi como, alcançando esta perfeição, o homem realiza à Brahman, a suprema consumação do conhecimento.

51-53 – Dotado de intelecto puro, dominando a mente com firmeza, abandonando ao som e outros objetos dos sentidos, afastando-se da atração e da aversão, vivendo em solidão, comendo pouco, controlando ao corpo, fala e mente, sempre ocupado na meditação e contemplação, cultivando o desapego, renunciando ao egoísmo, poderio, vaidade, luxúria, ira e posse; livre da noção de "meu" e levando uma vida de tranqüilidade, o homem alcança ao Supremo Brahman.

54 – Transformando-se em Brahman e estabelecendo-se na Paz, ele não deseja nem lamenta nada e sendo equânime com todos, logra a suprema devoção por Mim.

55 – Conhecendo, pela devoção, Minha verdadeira natureza e Meu poder de manifestação, imediatamente entra em Mim.

56 – Tomando refúgio em Mim, ainda que atue constantemente, por Minha graça logra o eterno estado imutável.

57 – Oferecendo-Me todas as suas ações, considerando-Me como tua suprema meta, praticando o yoga do intelecto (veracidade e decisão), sempre concentre tua mente em Mim.

58 – Fixando tua mente em Mim, por Minha graça vencerás todos os obstáculos, mas, se pela presunção não Me ouves, estarás perdido.

59 – Se pela soberba pensas "não lutarei", em vão será teu propósito, porque tua natureza te obrigará (a lutar).

60 – Ó Kounteya, o que não queres fazer agora por estar ofuscado, farás depois mesmo assim, porque estás atado ao teu *karma* (impulso da vida passada) nascido de tua natureza.

61 – Ó Arjuna, o Senhor mora no coração de todos os seres e por Sua *maia* (poder divino) os faz girar como se estivessem presos a uma roda.

62 – Ó Bhárata, toma refúgio somente Nele e por Sua graça lograrás a Suprema Paz e a eterna morada (emancipação final).

63 – Assim, declarei a você o conhecimento que é o segredo dos segredos. Reflexiona amplamente sobre isto e em seguida faça o que quiser.

64 – Ouve de novo Meu supremo evangelho, o mais profundo de tudo. Como te quero muito, falarei sobre o que é bom para ti.

65 – Que tua mente se ocupe de Mim, seja Meu devoto, faça cultos para Mim e Me reverencie, assim tu Me alcançarás. De verdade dou Minha palavra, porque já sabes que tu és muito querido por Mim.

66 – Renunciando a todos os deveres, toma refúgio em Mim unicamente. Não te aflijas, Eu te salvarei de todos os pecados.

67 – Jamais deves transmitir isto (este segredo) ao que não fez austeridade, ao que não tem devoção, ao que não quer ouvir ou ao que está contra Mim.

68 – Aquele que com profunda devoção por Mim, instrui aos Meus devotos sobre esta grande doutrina, com segurança, se libertará de todas as dúvidas e chegará a Mim.

69 – Entre os homens não há e nem haverá, ninguém que Me sirva melhor que ele e neste mundo ele é Meu mais querido.

70 – Segundo Minha opinião, estudar este nosso sagrado diálogo é igual a fazer o culto do conhecimento por Mim.

71 - A pessoa que simplesmente o ouça com devoção, sem estar contra Mim, também se emancipará e alcançará a esfera das pessoas corretas.

72 – Ó Partha, ouviste isto com atenção? Ó Dhananjaia, foi destruída a ilusão de tua ignorância?

73 – Disse Arjuna:
Minha ilusão está destruída, ó Achyuta, por tua graça recobrei a memória (sobre minhas promessas anteriores), me sinto firme, minhas dúvidas desapareceram. Cumprirei Tua ordem.

74 – Disse Sanjaya:
Assim, arrepiado de emoção, ouvi este maravilhoso diálogo entre Vasudeva e o nobre Partha.

75 – Pela graça de Vyasa ouvi este supremo e muito profundo yoga, diretamente de Krishna, o Senhor do Yoga, que o expôs pessoalmente.

76 – Ó rei, quanto mais recordo este santo e assombroso diálogo entre Keshava e Arjuna, mais me regozijo.

77 – Ó rei, quanto mais recordo a maravilhosa forma de Harí, mais me extasio e mais aumenta minha felicidade.

78 – Aonde quer que estejam Krishna, o Senhor do yoga, e Partha, o notável arqueiro, lá estará a prosperidade, a vitória, o sucesso e o dom de governar; esta é minha convicção.